

BIBLIOTHECA

N.º 75

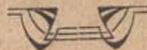
ARTHUR ROCHA

DEUS E A NATUREZA

DRAMA EM 4 ACTOS
(ORIGINAL)

Representado sempre com extraordinário
successo em todos os theatros do Rio de
Janeiro e nos Estados do Brasil.

5.^a EDIÇÃO



1904

LIVRARIA DE E. TEIXEIRA

Rua de S. João N.º 4

S. PAULO

LIVRAKARIA TELXEIRA
VIÉIRA PONTES & CIA — Rua Libero Badaró N.º 491 — São Paulo
 PRIMEIRA CASA DO PAÍS NO GÊNERO TEATRAL E FORNECEDORA DAS
 PRIMEIRAS SOCIEDADES, GRUPOS DRAMÁTICOS E CIRÇOS DO BRASIL
 Não se enviam peças à AMOSTRA, não se TROCAM, nem se aceitam DEVOLVIDAS

COMÉDIAS EM 1 ATO				
2 homens		Cr\$		Cr\$
Almoço aos ponta-pés	3,00		4 homens e 8 senhoras	3,00
Casamento por telefone	3,00		4 homens e 1 senhora	3,00
3 homens			Casa de doidos!	3,00
Atribuições d'um estudante	3,00		Comi o meu amigo	3,00
Por um triz!	3,00		Coração e estômago	3,00
Um filho para três pais	3,00		Dois mineiros na Corte	3,00
4 homens			Morte (A) do Galo	3,00
Como se arranja um marido	3,00		Pinto, Leiteira & Cia.	3,00
Um disparate cômico	3,00		Quincas Telxeira	3,00
Valentes e medrosos	3,00		Seu Juca Pindoba	3,00
6 homens			Uma criada impagavel	3,00
Simplicio, Castanha & Cia.	3,00		4 homens e 2 senhoras	
Uma casa de estroinas	3,00		Diabo (O) atraz da porta	3,00
Um noivo de Alcanhões	3,00		Hospedaria (A) Senserói	3,00
7 homens			Milagres de Santo Antonio	3,00
Dois estudantes no prego	3,00		Má peça!	3,00
Meia hora de cinismo	3,00		Não tem titulo	3,00
1 homem e 1 senhora			5 homens e 1 senhora	
Almoço (O) do homem sandwich	3,00		Casar sem saber com quem	3,00
Amor por anexins	3,00		Cautela com as mulheres	3,00
Amor trambolho	3,00		Dois (Os) Jucas	3,00
Ao caçar das luvas	3,00		Dois (Os) surdos	3,00
Carnet (O)	3,00		Espada (A) do general	3,00
Procuração (A)	3,00		Medico-mania	3,00
Raiz maravilhosa	3,00		Morrer para ter dinheiro	3,00
Sinos de Corneville	3,00		5 homens e 2 senhoras	
Uma prova de consideração	3,00		Doido... por conveniencia	3,00
Um truc admiravel	3,00		5 homens e 4 senhoras	
1 homem e 2 senhoras			Casamento (O) do Pindoba	3,00
Carta a Santo Antonio	3,00		7 homens e 2 senhoras	
2 homens e 1 senhora			Porto, Madeira & Colares	3,00
Vaiava das Camélias	3,00		8 homens e 1 senhora	
Bonde errado!	3,00		Maneco Pingurra	3,00
Choro ou rio?	3,00		COMÉDIAS EM 2 ATOS	
Conterranea (A)	3,00		Almas do outro mundo, 4 h. e 2 s.	5,00
Deu o pavão!	3,00		Casar para morrer!... 2 h. e 2 s.	5,00
Eu não sou eu!	3,00		Chefe (O) Politico, 6 h. e 1 s.	5,00
Já ouvi espirrar este nariz!	3,00		Divorcio (O), 5 h e 2 s.	5,00
Por causa duma Camella	3,00		Flôr do Ipê, 5 h. e 2 s.	5,00
Trinta botões	3,00		Lele, 4 h. e 2 s.	5,00
Uma experiência	3,00		Perdi minha mulher! (Um servo peri- goso), 3 h. e 1 s.	5,00
Um casamento no escuro	3,00		COMÉDIAS EM 3 ATOS	
Um plano infalivel	3,00		Abençoados pontapés!, 7 h. e 1 s.	6,00
Um prego na fechadura	3,00		Alegrias (As) do Lar, 5 h. e 3 s.	6,00
2 homens e 2 senhoras			Agua mole em pedra dura... 3 h. e 1 s.	6,00
Esposa de S. Exc'cia.	3,00		Aventuras dum rapaz feio, 4 h e 3 s.	6,00
Visconde da Rosa Branca	3,00		Bandeirante (O), 6 h. e 3 s.	6,00
3 homens e 1 senhora			Balduíno, 5 h. e 3 s.	6,00
Apuros (Os) de Lulú	3,00		Ca'a a boca, Etelvina!... 5 h. e 5 s.	6,00
Nhô Manduca	3,00		Casa do Tio Pedro, 9 h. e 7 s.	6,00
Noiva (A) e a agua	3,00		Consequencias... de Inconsequencias, 5 h. e 3 s.	5,00
Que Trindade!	3,00		Coração (O) não envelhece, 5 h. e 3 s.	6,00
Raimo (O) de lilazes	3,00		Dar corda para se enforcar, 4 h. e 2 s.	6,00
Resonar sem dormir	3,00		D. Juan da Pampilhosa, h. e 2 s.	6,00
Um marido que é vitima das modas... ..	3,00		Os Dominós, 5 h. e 2 s.	6,00
3 homens e 2 senhoras			Flôr dos maridos, 7 h. e 7 s.	6,00
Dois (As) bengalas	3,00		Petição, 4 h. e 5 s.	6,00
Na Roça	3,00		Gaspar Cacete, 4 h. e 3 s.	6,00
Primeiro (O) cliente	3,00		Grande (O) Hotel de Sarilhos, 3 h. e 1 s.	6,00
3 homens e 3 senhoras				
Na cidade (O sete-nomes)	3,00			

20
BIBLIOTHECA DRAMATICA POPULAR

N.º 75

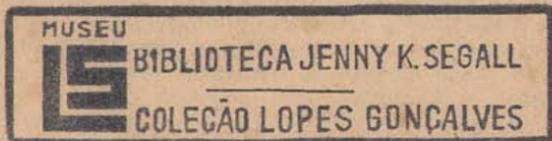
ARTHUR ROCHA

DEUS e a NATUREZA

Drama em 4 actos

(ORIGINAL)

Representado sempre com extraordinario successo
em todos os theatros do Rio de Janeiro
e nos Estados do Brasil



1904

LIVRARIA DE E. TEIXEIRA

RUA DE S. JOÃO N.º 4

S. PAULO

DISTRIBUIÇÃO

Padre Oscar	Americo Penna
Leandro	A. Azevedo
Pedro	José de Araujo
Arthur	Eduardo Victorino
Suzana	D. Januaría Serrano
Amélia	D. Leopoldina Araujo
Elisa (*)	D. Sebastiana Bozzini

ACTUALIDADE

(*) Esta personagem, que entra sómente na 5.^a scena do 2.^o acto póde deixar de figurar, suprimindo-se tambem a scena 5.^a pois em nada altera o enredo da peça.

ACTO PRIMEIRO

Sala confortavel de uma fazenda no interior da provincia. Indicios de luxo cidadão se confundem com amostras de simplicidade caipiriana. Em toda scena devem notar-se manifestações eloquentes de fanatismo religioso. Quadros de Santos e Santas pendentes nas paredes lateraes e do fundo, e á E. um crucifixo de madeira negra com uma imagem de Christo de proporções avantajadas. Da disposição de todos os moveis transpira ordem, asseio e recolhimento. — É noite.

SCENA I

SUZANA e PEDRO

SUZANA (sentada numa poltrona, tem entre mãos um rosario, cujas contas passa a miudo com ligeiro movimento de labios. Interrompendo-se e voltando-se para Pedro, que está sentado do lado opposto, adormecido, tendo as mãos cruzadas sobre o abdomen) — Não acha que está demorando, sr. Pedro?... (continúa a mover os labios e a passar as cortas) Não falla,

homem de Deus?!... (reparando) O tal costume... está a dormir!... Ó sr. Pedro, sr. Pedro!...

PEDRO (acordando sobresaltado) — Viva o sr. Padre-Mestre! Viva! Viva!

SUZANA — Que está o sr. a dizer?...

PEDRO — Oh! senhora D. Suzana, queira desculpar, mas (bocejando) estava a sonhar ainda com as festas de recepção do sr. Padre-Mestre. Ah! aquillo é que foi coisa!... Quando me lembro...

SUZANA — Ninguém falla disso. O que lhe digo é que elle se demora muito. (inquieta) Quem sabe lá se lhe succedeu alguma coisa! Estes caminhos são tão maus... e então á noite!... Estou com receios, sr. Pedro. Também não sei que idéa foi a do Reverendo meu filho de querer ir ouvir em confissão ao pae de Amelia...

PEDRO — Mas, minha senhora, a sua presença foi reclamada, e o Padre-Mestre mostrou-se digno de seu sacerdocio, correndo solícito a atender a um moribundo, que ao demais foi amigo intimo desta casa.

SUZANA — Pois sim... sim... mas que hoje é nosso inimigo. Se lhe tirarem a vida ahí por esses caminhos, os moribundos de certo não virão restituir-me o querido filho. (continua a rezar, sempre que se cala).

PEDRO — Entretanto, minha senhora, seu filho não fez mais do que cumprir um dever, e V. Excia., que é tão religiosa, deve saber que o primeiro dos deveres do verdadeiro sacerdote é sacrificar-se pelos seus semelhantes.

SUZANA — Não está máu o dever, sr. Pedro!... Eu sempre queria vêr se o sr. fallaria do mesmo modo se fosse sua mãe.

PEDRO — A hypothese é inadmissivel, minha senhora; pae poderia eu ser se...

SUZANA — Pae ou mãe, é a mesma coisa...

PEDRO — Não para mim...

SUZANA — Eu, se fôra padre...

PEDRO — Outra hypothese inadmissivel!...

SUZANA — Ora, deixe-me com as suas hypotheses. Eu, se fôra padre, jámais, por dinheiro algum, sahiria á noite para assistir enfermos.

PEDRO — Estou certo de que a senhora D. Suzana ouve neste momento apenas o seu coração. Com o temor que tem á Deus e o respeito que consagra aos seus santos mandamentos, (com gesto hypocrita) estou convencido de que não faria o que diz, se fosse homem e padre.

SUZANA — Oh! se faria! Mesmo porque é maxima divina que nós devemos antes de tudo poupar a nossa existencia.

PEDRO — É... é... mas Deus tambem disse que a gente devia amar ao seu proximo como a si mesmo.

SUZANA — O senhor é um homem que tem resposta para tudo... com efeito!...

PEDRO — Resultado dos meus esforços. Quem lê, aprende.

SUZANA — Pois faz mal em lêr tanto. O padre Astrogildo, que Deus tenha no reino da gloria, dizia sempre nas suas praticas: A leitura de hoje é um mal. Corrompe, vicia, degrada. Os impios encarregam-se de espalhar pela terra as suas obras amaldiçoadas, e o único meio de evitar-lhes os funestos efeitos, que são a excomunhão e a eterna condemnação das nossas almas, é lêr o menos possível, ou mesmo não lêr.

PEDRO — Eu lhe digo, minha senhora; o padre Astrogildo que Deus tenha no reino da gloria muitos annos sem mim, era naturalmente inimigo dos livreiros cá da terra.

SUZANA — Que está o sr. para ahí a dizer? Inimigos! Elle? que era uma pomba sem fel... Coitadinho! Tão nosso amigo que era! As vezes passava os dias inteiros em nossa casa; o meu fallecido pae, que lá está na bemaventurança, sahia ao trabalho de inspecção da fazenda, e a minha mãe, que era uma santa, ficava horas perdidas no seu oratorio, aprendendo doutrina com o padre Astrogildo.

PEDRO — Effectivamente! Santa creatura devia ser o padre Astrogildo, que Deus tenha em paz!... Ao passo que santificava á senhora sua mãe, preparava o senhor seu pae para entrar no reino do céu...

SUZANA — Oh! já se convenceu...

PEDRO — Com uma differença, porém, minha senhora. Depois que eu li nos livros sagrados estas palavras: Abençoados os pobres de espirito porque delles é o reino do céu, lamento que tenha para lá ido, naturalmente por engano, um homem como o sr. seu pae, que devia ser forçosamente rico de espirito, a julgar por V. Excia.

SUZANA — Ah! meu pae!... quem me dera ter a cabeça que elle tinha...

PEDRO (com intenção) — Oh! devia ser portentosa!

SUZANA (inquieta) — Mas... e o Reverendo que não chega. Se o sr. Pedro quizesse ir vel-o...

PEDRO — Eu, minha senhora! E o meu rheumatismo, e os meus olhos que já não servem para coisa alguma?

SUZANA — Ah! não me lembrava que só serve para contrariar a gente e para dormir quando está calado.

PEDRO — Eu?!

SUZANA — Ainda agora, enquanto eu rezava duas corôas e os competentes padre-nossos, o sr. dormia a bom dormir.

PEDRO — Fiz este sacrificio, minha senhora, é verdade. Obriguel-me a dormir para não perturbar a tranquillidade de suas santas orações.

SUZANA — E mal acordou foi logo para contrariar-me...

PEDRO — Santo Deus! Olhe, D. Suzana, eu penso exactamente como Abrahão, o patriarcha, quando, sabendo das disputas havidas entre os pastores e Loth, chamou este e lhe disse: "Nenhuma discórdia deve haver entre nós..."

SUZANA — Ahi vem já o sr. com as suas citações. Não sei onde foi aprender tantas coisas.

PEDRO — É que eu não conheci o padre Astrogildo, que Deus tenha em santa paz, e por isso dediquei-me sempre muito á leitura.

SUZANA — Tambem o padre Astrogildo não prohibia a ninguem de lêr os livros sagrados...

PEDRO — E a prova é que passava dias inteiros no oratorio da senhora sua mãe, que Deus tenha em seu seio, a ensinar-lhe doutrina christã. Santo homem!... digo: santo padre!

SUZANA (levantando-se e indo a Pedro) — Parece-me que o sr. está querendo ridicularizar as minhas palavras...

PEDRO — Longe de mim semelhante idéa, D. Suzana. A familia de V. Excia. merece-me tantos respeito como a minha propria.

SUZANA — Ainda bem. (alvorçada) Ouço passo... será elle? (encaminha-se para o fundo).

LEANDRO (dentro) — Deixa-te estar partife, que amanhã recerás a paga de tudo... Põe de molho as costas, é o que te digo.

SUZANA — Céus! Que será? (voltando-se á Pedro)

PEDRO — Nada, minha senhora; é naturalmente algum desgraçado que vae amanhã ainda uma vez supportar as blandicias do tronco...

SUZANA — Tambem são tão máus estes negros, que só mesmo á força de rigor se póde tirar delles alguma coisa. Depois que chegou o Reverendo meu filho, ficaram muito confiados, porque foram suspensos os castigos. Mas as festas acabaram e com ellas as condescendencias.

PEDRO — Em todo o caso, eu sempre quero vêr como pensa a este respeito o Padre-Mestre.

SUZANA — Ora, ora... ha de pensar como nós. Meu filho, comquanto sacerdote, não póde ser mais religioso nem mais temente á Deus do que nós; mas é o proprio Deus que manda castigar aos que erram.

SCENA II

Os mesmos, LEANDRO e ARTHUR

LEANDRO (entrando zangado) — É um desafôro! Em se lhes dando uma pouca de liberdade, adeus respeito... Decididamente sem vergalho nada se faz. (reparando) Olá! Boas

noites, Pedro. (indo á elle, Suzana vai sentar-se no sophá. Arthur senta-se junto á meza) Estavas, sem duvida, a atormentar a minha velha com as tuas eternas cantilenas (vai sentar-se na cadeira)

PEDRO — Estava simplesmente a fazer-lhe companhia, e a combater os seus receios ácerca do padre-nosso que ainda não voltou.

LEANDRO — Não voltou! Pois que? o Reverendo meu filho anda a estas horas na rua!?

SUZANA — Foi confessar o velho Irineo, que está moribundo e...

LEANDRO — Bem podia morrer sem se lembrar de incommodar os outros.

ARTHUR (que conversa com Pedro) — Essas palavras da bocca de um christão, sr. Leandro!

LEANDRO — Que tem? E se Oscar não tivesse ainda vindo, a quem recorreria o velho Irineo e a lambisgoia da filha?

ARTHUR — Isso era outro caso. Mas uma vez que ha um padre na localidade e esse padre comprehende os seus deveres, bem fez o velho Irineo, procurando fortalecer a sua crença na hora da morte, e nem andou Oscar não se negando ao cumprimento de seu dever.

SUZANA — Digno filho de tal pae! O sr. Pedro, ainda ha pouco me disse a mesma coisa, mas é porque nenhum dos senhores póde ter pelo Reverendo, meu filho, o mesmo interesse de um pae ou de uma mãe.

ARTHUR — Peço perdão, minha senhora, para dizer-lhe que, pelo coração, sou irmão de Oscar, com quem passei os melhores dias da minha infancia, junto de quem aprendi as primeiras noções da sciencia; e, que, embora separados pela diversidade das direcções que deram aos nossos destinos, nos conservamos sempre unidos pela amizade, a mais verdadeira e sincera.

LEANDRO — O que me surprehende em tudo isto é o vêr que vocês dois, que blasonam de liberaes e se ríem das nossas crenças religiosas, se mostrem agora tão amigos dos padres e dos seus deveres para com o proximo.

ARTHUR — Nem eu, nem meu pae, sr. Leandro, nos rimos das crenças religiosas de ninguem. Respeitamol-as para que sejam as nossas respeitadas. Simplesmente entendemos que uma vez que Oscar, por vocação ou por outro qualquer motivo, se fez padre, tem obrigação de o ser em toda a extensão da palavra. O habito religioso, uma vez envergado, impõe uma certa somma de deveres, a cujo cumprimento não póde o seu portador furtar-se, sem risco de comprometter a seriedade da sua missão de paz, de amor e de caridade.

PEDRO — O que é certo, porém, é que da maneira por que as coisas vão, nós é que parecemos crentes e Leandro e Su-

zana os atheus. Coisas da vida! As apparacencias sempre enganam.

LEANDRO — Está bem, está bem... nada de discussões. O que convém é saber de Oscar e tratar do restabelecimento de teu filho, a quem os abençoados ares desta terra promettem restituir todo o vigor que havia perdido.

SUZANA — Os ares desta abençoada terra, dizes tu?! Dize também: as nossas orações e promessas. Olha, ainda amanhã tenho que mandar accender uma véla ao Senhor do Monte.

ARTHUR — Muito agradecido, minha senhora, pelo interesse que lhe inspiro. Eu e meu pae muito agradecemos... (remonta ao fundo E.)

SUZANA — Seu pae, não; seu pae é um ingrato, que está sempre a zangar-me.

PEDRO — Eu?! Que injustiça! Eu, que em 63 annos de existencia não me lembro nunca de me haver zangado, nem feito zangar a ninguem!

ARTHUR (que tem ido ao fundo) — Afinal! Eil-o que chega... (para fóra) Anda, que por aqui estão todos com medo de que hajam morrido.

PADRE OSCAR (fóra) — Estou felizmente ainda vivo.

SUZANA — Graças, meu Deus! (a Leandro) Tens de mandar comprar uma véla de cêra de 3 em libra que prometti á S. José se o nosso Reverendo filho chegasse são e salvo.

SCENA III

Os mesmos e PADRE OSCAR

PADRE — Boa noite! (dirige-se aos paes e beija-lhes a mão. Enquanto se desembaraça da capa, desde e aperta a mão de Arthur e Pedro, este toma a esquerda da meza e senta-se. Leandro e Suzana conversam á parte).

LEANDRO — Que bonito, não?...

SUZANA — A mim o deves...

LEANDRO — E então eu...

SUZANA — Que orgulho! ter a gente um filho padre que nos beija a mão quando todos os outros beijam a delle...

PADRE (sentando-se na cadeira de braços) — Venho cansado... Oh! muito cansado. Nem só o trabalho fatiga, também as commoções abalam e enfraquecem. Ah! que é bem penosa a missão do sacerdote, quando se tem desejos de bem cumpril-a...

SUZANA (a Pedro e Arthur) — O que é que eu dizia? É elle o primeiro a queixar-se...

PADRE — Não; não me queixo do trabalho material. O que me afflige, o que me compunge, o que me dilacera a alma é ter de ouvir as ultimas confissões de um moribundo, cuja

existencia passou no meio dos maiores tormentos e sacrificios, sem ter tido jámais uma compensação, uma hora de gozo, um momento de reparadora delicia. O que torna difficil a nossa missão é o spectaculo da miseria em toda sua hediondez, em toda a sua plenitude. Venho de assistir a um desses quadros horrorosos. (todos procuram acercar-se de Oscar)

SUZANA — Mas que viste, meu filho, que tanto te impressionou?

PADRE — Que vi? Eu lhes digo: Vi cincoenta annos de uma probidade intangivel, agonisantes, morrerem por falta de recursos; vi a virtude extenuada, estrebuchar de desespero e angustia... Vi um pae morrendo quasi enraivecido por deixar uma filha desamparada, e uma filha quasi louca por perder um pae a quem amava.

SUZANA — Coitados!

PADRE (com intenção) — E, entretanto, havia bem perto desses dois desgraçados quem pudesse salv-os; a um da morte, a outro da miseria e quiçá da deshonra...

LEANDRO — A nós nunca pediram nada...

SUZANA — Sim, nunca nos pediram...

PADRE — Ah!... Não são os que pedem que de ordinario mais precisam. A mais terrivel de todas as pobrezaas é aquella que se envergonha de si mesma, e a verdadeira caridade não é a que espera as humilhações do pedinte e só abre os cordões da bolsa ás acções generosas de facil e antevisto pregação. A verdadeira caridade é a que procura onde a miseria está para minoral-a sem rumores e sem ostentação... e... porque não dizel-o, eu estranho que a alguns passos da Fazenda das Flores, cujos proprietarios são reconhecidamente as creaturas mais religiosas do lugar, morresse um homem, por assim dizer, de fome, e uma candida menina estivesse prestes a succumbir com elle...

LEANDRO (constrangido) — Nós não sabemos...

SUZANA (constrangida) — Com effeito!... nós não sabemos...

PEDRO — Sim... é de crêr que não soubessem...

PADRE (sorrindo amargamente) — Perdõem-me. Sabiam, sim, sabiam... A verdade, porém, é que o proprietario da Fazenda das Flores nunca pôde perdoar ao obscuro mestrescola da Vila a independencia de seu caracter e o adiantamento de suas idéas politicas. A verdade é que, por indicação de um chefe politico, esse pobre professor, de quem recebi as primeiras luzes do saber, foi demittido depois de 30 annos de serviço abnegado e consciencioso. (olhando firme para o pae) Não me disse o desgraçado o nome desse chefe.

LEANDRO (aparte) — Respiro.

PADRE — Foi grande e generoso até o esquecimento e

ao perdão. Quando entrei naquellê albergue e vi, sobre uma esteira quasi apodrecida, o meu antigo mestre, o amigo da minha infancia, que tantas vezes me abraçara e beijára; a um canto uma menina cadaverica, lacrimosa extenuada, e essa scena illuminada pelos derradeiros lampejos de uma candeia amortecida por falta de combustível, juro-lhes que tive uma vertigem e as lagrimas saltaram-me dos olhos. Junto ao moribundo estava um preto velho, o mesmo que me acompanhava á escola, quando eu era menino. Ao vêr os cuidados de que cercava o moribundo, as lagrimas que chorava tambem e as preces que dirigia á Deus... não pude; abracei-o reconhecido e chorei com elle.

ARTHUR (para o pae) — Esse preto é o tal, ameaçado de tronco por haver sahido occultamente da fazenda.

PADRE — Passarei por alto as angustias daquella alma durante o longo tempo de sua atroz agonia. Dir-vos-hei porém, que no momento em que soltava o ultimo alento e pedia a suprema consolação de vêr a sua desditosa filha, a luz da candeia extinguiu-se e lançou entre o pae que morria e a filha que o chorava um espesso véo de trévas. Então, o moribundo, com a voz suffocada na garganta, no extertor da derradeira agonia, pedia como o poeta: — Luz, Luz... Quando me foi possivel reunir os residuos de cebo dispersos a reanimar a candeia, vi... (como que suffocado) um cadaver com os membros inteirados pelo desespero, tendo os seus labios algidos e espumosos collados á bocca descorada de uma moça desfallecida... Ai! Abafo... preciso ar... (vae até á janella do fundo e entre os interlocutores faz-se e silenciosa pausa. Todos se levantam)

LEANDRO (como que despertando) — Vou mandar immediatamente levar-lhe todos, os soccorros...

PADRE — É excusado, meu pae; todas as providencias estão dadas...

LEANDRO — Por quem?

PADRE — Por mim. Resta simplesmente que minha mãe se digne mandar um de seus vestidos pretos para cobrir a quasi nudez da pobre orphã.

SUZANA — Vou já. E aproveito para rezar a oração dos mortos por alma do pobre Irineo. (sahe)

SCENA IV

Os mesmos, menos D. SUZANA

PEDRO (indo ao padre, que se conserva ao fundo. Leandro conversa com Arthur) Meu joven amigo... O senhor começa uma obra meritoria, que oxalá conclúa a seu contento. Seus paes o educaram para que o senhor agora eduque a elles.

PADRE — Praza a Deus que eu tambem, em meio caminho, me não transvie...

LEANDRO (que se tem aproximado de Arthur) Como está impressionado o meu Oscar!

ARTHUR — E acha que elle não tem razão?

PEDRO (sempre ao padre) — Olhe, meu amiguinho, preciso do senhor para impedir uma injustiça.

LEANDRO — Qual razão! Isto é como o medico principiante, a quem o sangue repugna e as visceras enjoam... Ha de se habituar, e dentro em breve o espectáculo que hoje tanto o emocionou será para elle uma coisa comestiva e vulgar. O costume faz lei...

PADRE — Que me diz, sr. Pedro!... Antonio no tronco amanhã, por ter praticado uma acção que o honra? Não, não é possível!...

PEDRO — Se lhe digo...

PADRE — Pois sim... sim... estará isso resolvido mas o castigo não se fará.

LEANDRO (indo ao filho) — Sentes-te melhor?

PADRE — Sim, melhor; e vou concluir a historia que principiei a contar-lhe.

LEANDRO — Como! Pois ainda tem continuação?

PADRE — Oh! e importante...

LEANDRO (contrariado) — Ouçamol-a então. (descem).

PADRE — Irinéo, como sabem, era só, sem parentes e sem amigos, porque os parentes e amigos fogem sempre da desgraça. Morreu. Ficou ao desamparo uma pobre moça sua filha; honesta, bem educada e digna de uma boa sorte. Ora o moribundo fallou-me della como de seu unico bem; preocupava-o o seu futuro mais que a idéa da morte. Que podia eu fazer? Se fôra livre, poderia talvez dizer-lhe: Não se assuste: será minha esposa! Mas esta tunica me prende e me acorrenta ao celibato eterno. Se houvesse uma familia que quizesse recolhel-a?... Chegado, porém, ha pouco, a ninguem conheço. Lembrei-me, pois, de consultal-o, meu pae. (estudando em Leandro o effeito de suas palavras) O senhor deve conhecer muita gente, para quem os preceitos da misericordia e da caridade não sejam simples pretextos de ostentação banal, e que esteja em condições de servir aos meus projectos... Sim, porque afinal a orphã não póde ficar desamparada.

PEDRO (a Arthur) — Compreendes o jogo?

ARTHUR (ao pae) — Perfeitamente.

PADRE — Então? Não se lembra mesmo de ninguem...

LEANDRO (depois de indecisão) — Como queres tu que eu saiba disso? Não saio nunca; vivo aqui quasi isolado...

PADRE (sempre observando) — Ora... um esforçosinho...

Ha de conhecer por força alguma familia, pobre ou abastada, a quem falte uma filha, que encha de alegrias e sorrisos o lar apenas povoado pela velhice e pelas recordações de um passado remoto...

ARTHUR (ao pae) — Vê como elle atira bem.

PEDRO (ao filho) — Sahu-me como eu não esperava o tal senhor padre-mestre.

LEANDRO (depois de pausa, resolutivo) — Não me lembro... O melhor de tudo seria entregal-a ao juiz dos orphãos, que tem todos os Asylos ás suas ordens...

PEDRO e ARTHUR — Oh!...

PADRE (com força) — Por Deus!... (reprimindo-se) Perdão meu pae, dóe-me ouvir semelhantes palavras de seus labios!... Pois olhe: eu achei... eu, que estou aqui apenas ha 8 dias... achei uma casa que vae recolher essa pobre moça...

LEANDRO — Qual?

PADRE — Qual? Esta.

LEANDRO — Aqui!... A filha de Irineo? Nunca!

PADRE — Ah! como é terrivel o odio que ultrapassa os limites da vida! Nunca! E porque?

LEANDRO — Porque... porque... não, ora ahi está!

PADRE (tomando o chapéu e a capa e vindo silenciosamente ao pae, a quem, depois de pausa, diz com intenção) — Pois bem: Vou pedir ao politico que cavou a ruina daquella familia, que recolha, por compaixão, a victima de seus odios... ignobeis. (vae a sahir)

LEANDRO — Oscar... Desculpa-me; eu não sei o que digo... Vou pensar no que me propões... vou consultar tua mãe. Espera-me um pouco. (sahe)

SCENA V

Os mesmos, menos LEANDRO

PADRE (deixando a capa e o chapéu) — Perdõem, meus amigos. Impuz-me este penoso sacrificio de despertar no coração de meus paes o sentimento da paz e do bem... Perdõem-me.

ARTHUR (abraçando-o) — Oh! Oscar! Eu te admiro.

PEDRO — Nós o admiramos, dize antes.

PADRE — Uma promessa, uma fatal promessa de minha mãe matou as minhas aspirações, torceu a minha vocação e adheriu-me ao corpo para todo o sempre esta tunica ciliciosa. Quizeram-me sacerdote: força é que o seja.

ARTHUR — És um martyr!...

PEDRO — Mas resignado, bem o vêm. Se ha no meu coração resentimento, elle não transpira; se os meus labios

murmuram queixas, ninguém as ouve; se a minha alma se revolta, a idéia do dever apaga as labaredas intimas; se choro tenho o cuidado de enxugar bem as minhas lagrimas, para que ninguém as veja. Às vezes, allucinado; pensando nos meus 25 annos, na minha mocidade perdida, no meu futuro traçado de negro pela mão da fatalidade, pergunto a mim mesmo se sou padre ou se sou homem... e a consciencia responde-me depois: És padre!... (olhando para a D. A.) Mas, silencio; ahí vêm meus paes.

SCENA ULTIMA

PADRE, PEDRO, ARTHUR, LEANDRO e SUZANA

LEANDRO — Tua mãe, Oscar... (constrangido) tem seus escrúpulos em acceder ao teu projeto...

SUZANA — Sim... não conheço o genio da pequena... pôde ser máu como o do pae e acarretar-nos muitos desgostos...

PADRE — É tudo quanto têm a dizer-me?

SUZANA — Sim... é... mesmo porque...

PADRE — Pois bem, meu pae, vou eu pedir por ahí a toda a gente que acceite, por misericordia, uma orphã, que os proprietarios da "Fazenda das Flores" recusaram admitir no seu lar. E direi então: Elles são ricos, é certo; são religiosos até o fanatismo... Mas não têm o costume de fazer esmolas aos pobres, nem praticam os santos preceitos da religião que adoptaram.

LEANDRO — Oscar!... Não farás isso... Queres então desconceituar teus proprios paes? Lembra-te de que és nosso filho...

PADRE — Não, não sou seu filho; sou um ministro do Senhor. Ao receber as ultimas ordens fiz um juramento solemne de me consagrar inteiramente ao serviço de Deus; e Deus só ensina a religião do amor, da caridade, do perdão e do esquecimento...

SUZANA — Meu filho!...

PADRE — Fizeram-me padre contra a vontade; pois agora quero ser padre, mesmo com sacrificio das minhas afeições filiaes.

LEANDRO — Oscar! Meu filho!

PADRE — Padre, só padre, e eternamente padre! (aponta para o Christo pendente na parede da E.)

ACTO SEGUNDO

A mesma sala do primeiro acto, já alterada. Não se notam mais os quadros de santos e apenas está em seu lugar o Christo crucificado. A E. está Leandro sentado numa cadeira, com o braço direito estendido, sobre o qual Suzana tem um novello de linha, em que passa muitas vezes uma agulha enfiada.

SCENA I

SUZANA e LEANDRO (sentados)

SUZANA — Em nome do Padre, Filho e Espirito Santo, eu te coso...

LEANDRO — Assim mesmo coso... (em tom de enfado) Não acabarás com isso?

SUZANA — Espera homem! É a ultima vez. (mudando de tom) Sahe, tinhoso, do corpo são: junta quebrada torna a compôr-te; nervo torto volta ao teu lugar. Eu te coso!...

LEANDRO (impaciente) — Assim mesmo coso.

SUZANA — Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo — Amen. Prompto.

LEANDRO — Ora, graças a Deus!... (recolhendo o braço ao peito)

SUZANA — Arre! tambem que impaciencia! Queres que se faça tudo a correr... Mas como foi que dêste esse geito no braço?

LEANDRO — Ora, como foi? Depois que essa delambida nos veio para casa, parece que tudo me anda ao revés. Já não sou senhor nem de dar nos meus escravos, sem que me aconteça alguma. Hoje pela manhã vou pespegar um soppo no Antonio, a quem nunca perdoei o ter ido metter-se em casa do velho Irineo, e azás! quasi parto o braço...

SUZANA — E porque não lhe mandas puxar ahi umas cincoenta...

LEANDRO (levantando-se) — Qual cincoenta nem meio

cincoenta! Pois não sabes que o Reverendo nosso filho não supporta castigos corporaes, e está sempre a clamar contra os máus tratos que soffrem os escravos?... Mandar castigar o Antonio?! Deus te livre!... Era capaz de arrazar a casa e sublevar-me a escravatura!

SUZANA — Tambem Oscar tem umas idéas tão exquisitas!... Já reparaste como anda triste e cabisbaixo!

LEANDRO — Hum! Se já reparei? Primeiro do que tu! E affirmo-te que na coisa anda dente de coelho. Ah! mas se eu chego a confirmar as minhas suspeitas... (pausa) Olha, sabes o que eu te digo? Que fizemos uma grande asneira em metter o rapaz a padre.

SUZANA — Cruzes! Não digas isso, que até offende a Deus. Pois que mais bonita posição do que a do sacerdote? Queres maior honra para a nossa familia do que podermos contar na nossa geração um padre?

LEANDRO — Que estás tu para ahi a dizer? Pois se Oscar é o nosso unico filho, para dar honra a seus paes como sacerdote, é preciso antes de tudo que se extinga com elle a nossa geração.

SUZANA — Mas ao menos toda a gente se lembrará de nós e delle...

LEANDRO — Se esperas por isso, tens certa a immortalidade. Vae, em todo o caso com esta: Oscar... (em tom confidencial) Oscar é um padre muito differente dos que eu tenho conhecido.

SUZANA — Ora essa!... Os tempos mudam, naturalmente; e os padres de hoje não pódem ser de nenhum modo como os padres antigos. Vamos: em que é elle differente dos outros!

LEANDRO — Em que?... Olha para estas paredes!

SUZANA — E então?...

LEANDRO — Onde estão os quadros de Santos que ahi se achavam?

SUZANA — Onde estão? Essa é boa... no oratorio. O nosso Reverendo filho diz, e com muita razão, que não é na sala principal que uma casa abastada como a nossa deve ter os registros sagrados; mas sim num quarto especial, onde se possa orar tranquilamente. Apenas ficou essa imagem de Christo, porque eu pedi.

LEANDRO — E no entanto quem nos forçava a adornar a nossa sala com esses quadros? Quem nos fez substituir os lindos paineis que ahi tinhamos por estampas de Santos, dizendo que não se coadunam com os nossos sentimentos piedosos aquellas pinturas profanas e tentadoras? Um padre tambem, e um padre que tu reputavas um santo. O padre Astrogildo. Aquillo, sim, era homem. Quando a gente

castigava um escravo rebelde ou fujão e mandava mettel-o no tronco, dizia elle sempre, para desfazer escrupulos de consciencia: Castigar aos que erram é uma das obras de misericordia.

SUZANA — Pois sim... sim... tudo isto é exacto, mas os tempos são outros...

LEANDRO — São, são, infelizmente... Os taes senhores livres pensadores, com as suas idéas exaltadas, têm mudado a face das coisas. Dizem que o seculo é das luzes; mas, sabes?... andam todos elles (apontando os bolsos) com as candeias apagadas, por falta de azeite. Ah! que se eu fosse um dia ministro da guerra, eu sei o que faria desses idiotas...

SCENA II

Os mesmos e AMELIA

AMELIA (entrando e deparando com os dois) — Ah! perdão!... Não sabia que estavam nesta sala. (vae a sahir)

SUZANA (ao marido) — A hypocrita! Estava sem duvida a escutar-nos. (alto) Venha cá, menina; temos que fallar-lhe sobre negocio sério.

AMELIA — Estou ás suas ordens, minha senhora.

LEANDRO — Sente-se para ahí.

AMELIA — Estou bem, senhor Leandro.

LEANDRO — Sente-se; deixe-se de luxos. (á E. junto a mesa e Suzana ao sophá)

SUZANA — Estimo que viesse agora a esta sala. Teve uma inspiração. A menina ha um mez que está em nossa casa e nada lhe tem faltado, não é verdade? Temol-a cercado de todas as atenções e cuidados. Quando aqui entrou trazia apenas lagrimas, e hoje já tem ao menos o que vestir e o que comer...

AMELIA — De nada disso me esqueço... ao contrario, recordo-me sempre de todos os beneficios que recebo com reconhecimento.

LEANDRO — Ainda bem. Tambem tinha que vêr se fosse ingrata...

SUZANA — Que mais quer a menina? Não está contente?

AMELIA (com um sorriso amargo) — Oh! muito.

SUZANA — Pois então, como é que conhecendo a severidade dos nossos usos, o respeito do nosso lar santificado pelas nossas orações e pela presença de um sacerdote, tem a coragem de alimentar namoriscos e aceitar galanteios do senhor Arthur?

AMELIA (levantando-se) — Eu, minha senhora?! Mas é uma injustiça!

SUZANA (levantando-se) — Injustiça! O que temos visto com estes olhos que a terra ha de comer?!

AMELIA — Tanto o senhor Arthur como seu pae me tratam com muito carinho; e se algumas vezes converso com elles é porque me procuram e me dão os mais sabios conselhos.

SUZANA — Pois saiba que conselhos em minha casa só de mim se recebem. Fique-lhe a prevenção.

AMELIA (quasi em lagrimas) — Sim... minha senhora.

SUZANA — Vamos, Leandro, tenho que te fallar.

LEANDRO — Vamos. (sahem ambos pela D. A.)

SCENA III

AMELIA e PEDRO (da D. B., que têm apparecido)

AMELIA (deixa-se cahir sentada sobre a mesma cadeira onde antes estivera)

PEDRO — Que é isso, minha filha?...

AMELIA — Ah! senhor Pedro! quanto é amargo o pão da caridade!

PEDRO — De certo, quando mal comprehendido. Mas então, de que se trata?

AMELIA — Receio contar-lh'ò. Tenho medo de que possa chegar aos ouvidos do bom Oscar, a quem por modo nenhum quizera dar a entender os fundos tormentos por que passo.

PEDRO — Minha filha, sabe bem quanto aprecio os seus sacrificios, e se, para poupar a Oscar uma magua e á senhora mais soffrimentos, serei ou não capaz de uma eterna discreção.

AMELIA — Sei que falla a verdade. Accusam-me de manter desavergonhadamente relações amorosas com...

PEDRO — Com... acabe... acabe... ..

AMELIA — Com seu filho.

PEDRO — Apre! tirou-me um peso enorme de cima. Estava a pensar que tinham levado a sua maldade ao ponto de accusal-a de ter relações amoross com...

AMELIA — Com?...

PEDRO — Nada! É cá uma coisa!

AMELIA — Mas o senhor hia dizer: com...

PEDRO — Sim; eu hia dizer, mas não disse.

AMELIA — As suas reticências inquietam-me. A quem alem do senhor Arthur, podiam attribuir...

PEDRO — Ora, ora a quem? A mim. Era esse o meu temor.

AMELIA — Até com o infortunio graceja?

PEDRO — Oh! não; perdõe-me... mas, vamos ao resto.

AMELIA — O resto é que me prohibem de lhes fallar.

PEDRO — A nós!

AMELIA — Sim.

PEDRO — Isso veremos... isso veremos. Lá porque sou hospede, não abdiquei da minha liberdade. Essa é boa! Proibida de me fallar, a mim!... Mas em que diabo posso eu com os meus 63 annos comprometter uma moça de 25?!

AMELIA — Não sei.

PEDRO — Pois vou já deslindar isto!... Quero saber como isto é. (vae a sahir D. A.)

AMELIA (levantando-se) — E a promessa que me fez? Não vê que me perde?

PEDRO (fóra) — É verdade. Estou de pernas cortadas. (reflectindo e como monologando) Realmente... eu se demoro nesta casa, um dia estouro ou morro de um ataque apopleptico... Este meu amigo Leandro sempre me sahiu um succulento patife... E não era assim... não era assim, o desgraçado. Ensandeceu-o a mulher com as suas carolices por fóra e maldade por dentro... (a Amelia) Esteja descansada. Tudo se remediará. Vá, vá para dentro. (conduz Amelia até á porta da E. A. e volta sentar-se no sophá).

SCENA IV

PEDRO e ARTHUR (F. E.)

PEDRO (vendo Arthur) — Chegas a boa hora. Estava pensando em ti. Como te sentes?

ARTHUR (sentando-se na cadeira junto ao sophá) — Melhor, muito melhor. Mais alguns dias de escrupulosa observancia do regimen que até agora tenho seguido e penso poder cantar victoria.

PEDRO — Com que, então, tens muitas esperanças?...

ARTHUR — Esperanças! De que?

PEDRO — De ficar bom... e então que mais?

ARTHUR — Ah! sim, tenho...

PEDRO — Pois eu não tenho nenhuma, nem a teu nem a meu respeito.

ARTHUR — E porque, meu pae?

PEDRO — Porque tu, que marchavas melhor, de repente voltaste á tua melancholia, fugiram-te as côres do rosto, e sinto cada vez que te tomo a mão que a febre recrudesce de dia a dia. E eu, que já andava com mais franqueza, que já fazia as minhas correrias, tenho outra vez commigo o maldito rheumatismo, que não me deixa tranquillo um só instante.

ARTHUR (esforçando-se por penetrar no pensamento do pae) — Mas meu pae...

PEDRO — Olha tu: Vamo-nos embora?

ARTHUR (estremecendo) — Embora! (levantando-se)

PEDRO — Sim, embora, (levantando-se) de que te admiras? Nós não estamos em nossa casa. Ha um mez e tanto que para aqui viemos a convite de Leandro e a teu pedido assistir ás festas da chegada de Oscar. Estavas doente, e eu tambem. Em poucos dias melhoraste, e eu tambem. Aconselharam-te a que ficasses para vêr se radicalmente te restabelecias, e a mim tambem. Ficaste e eu tambem. Agora, tu peoras e eu tambem... Portanto, vou-me embora, e tu tambem.

Arthur — Mas uma resolução assim tão brusca pôde cho-car os donos da casa, de quem temos recebido tantas finezas...

Pedro — Qual! os donos da casa já estão acostumados ás minhas sahidas bruscas.

Arthur — No interesse mesmo de meu pae, não me parece de bom aviso esta retirada. Se lhe voltaram as dôres é, talvez para que em breve desapareçam de todo. Quanto a mim, meu pae engana-se completamente. Esta differença que tem observado não é mais do que resultado dos factos que temos presenciado ultimamente, e que são de natureza a impressionar ao mais indifferente.

Pedro — Sim, senhor. Fallas muito bem, mas não me con-vences. Esta gente já deve estar aborrecida de nós, e o hospede precisa pôr todo o seu cuidado justamente em retirar-se de proposito. Pensa bem no que te disse. Communica a Oscar a minha resolução, e tratemos de apromptar malas. Eu vou falar a Leandro. (sahe F. E.)

SCENA V

ARTHUR E ELISA (F. D.)

Arthur — (que tem acompanhado o pae, fica pensativo encostado ao portal, lado D.)

Elisa — Bons dias, meu senhor.

Arthur — (voltando-se) Bom dia.

Elisa — Sabe-me dizer, senhor, se é aqui que está a me-nina Amelia, filha do velho Irinêo, fallecido ha...

Arthur — (com interesse) É sim, senhora. Deseja vel-a?

Elisa — A isso vim, meu senhor. Eu e ella sempre fomos muito amigas. Criadas juntas. Mas casei-me e tive que seguir meu marido. Soube ha poucos dias que lhe tinha morrido o pae, o bom do papá Irinêo, e como o meu José tivesse de vir cá, afim de trabalhar na estrada de ferro, fui eu e disse-lhe: O Zézinho, se me estimasses devéras, levar-me-hias contigo. Eu queria vêr a minha bôa Amelia, que perdeu o pae, e sabe

Deus se terá encontrado uma alma caridosa que se compadecesse da sua desgraça. — E então o meu José, que é muito bom, esteve por tudo, e até me disse assim: Pois sim, vamos e olha, se ella estiver mal collocada, é preciso que a tragas quanto antes para a nossa companhia.

Arthur — (commovido) Boas creaturas!

Elisa — Mas agora vejo que a menina Amelia foi feliz — bem o merecia! — e se acha collocada em uma casa, onde eu até tenho vergonha de procural-a... Mas eu desejava tanto vel-a e abraçal-a!...

Arthur — Olhe, minha senhora, o seu quarto é aquelle, (aponta para a E. A.) entre, que lá a encontrará.

Elisa — Muito obrigada, meu senhor... Oh! como estou contente de vêr a minha Amelia!... (vae a sahir e volta) O senhor é da familia?

Arthur — Não, minha senhora, apenas seu hospede. Mas porque?

Elisa — Quizera agradecer-lhe também, e desde já, o bem que lhe fizeram.

SCENA VI

ARTHUR e OSCAR (padre)

Arthur (que vae a sahir encontra Oscar) — Hia em tua procura.

Padre — Aqui me teus. De que se trata? Teremos, por acaso, de evitar algum novo castigo?

Arthur — Não se trata disso.

Padre — Então, de quê. (vae sentar-se junto á mesa)

Arthur — Meu pae acaba de tomar, não sei por que motivo, a brusca resolução de partir hoje mesmo.

Padre — Hoje mesmo! E porque? Deve haver um motivo muito sério para isso, e tu comprehendes que eu preciso conhecê-lo.

Arthur — Meu pae apenas allega que ha dias a esta parte se encontra peor do seu rheumatismo e acha que eu também peoro dos meus males.

Padre — Isso não pode ser. É pretexto frivolo, e eu necesito fallar-lhe. Além disso elle bem sabe quanto careço de vobôs ambos para me auxiliarem nos meus projectos.

Arthur — Pois sim... Mas meu pae é persistente (tristemente) e eu muito duvido que consigas fazel-o retroceder de seu proposito.

Padre — Entristeces, pensando em deixar-nos?

Arthur — Não... sim... de certo... e seria um ingrato se não tivesse pena de abandonar uma casa, onde só beneficios e gentilezas tenho recebido.

Padre (investigador) — E é esse unico motivo Arthur?...

Arthur — Naturalmente... e que mais outro poderia haver?

Padre — Olha, meu caro, ha um rifão que diz “que a coisa mais difficil deste mundo é enganar o soldado, o marinheiro e o padre”. O padre, vê bem!... E se eu não posso assegurar o criterio do anexam em relação ao soldado e o marinheiro, posso te affirmar, em compensação, que elle é inteiramente exacto na parte que se refere ao padre.

Arthur — Mas eu não pretendo enganar-te!...

Padre — Oh! se pretendes! (*levantam-se e tomom a scena*) Nós outros, aqueles que consagramos a vida ao serviço de Deus e da sua religião, habituamo-nos, no recolhimento e na oração, no silencioso recinto da capela mal illuminada, no pequeno espaço da cella, a apurar as nossas faculdades “perceptivas” e a procurar lêr nos olhos do que se confessa a natureza de seu peccado, antes mesmo que elle nol-o delate. Teu pae quasi tem razão. Ha alguns dias que tu soffres, que te transformaste, que não és o mesmo. Vamos. Bem sei que não crês na religião de que sou obscuro ministro. Pois bem: não te confesses ao padre, confessa-te ao amigo da infancia.

Arthur — Mas, Oscar... não tenho effectivamente nada que dizer-te. Tu illudes-te.

Padre — Antes assim fôra.

Arthur — Suppões, então, que eu tenho segredos para ti?

Padre — Não supponho. Tenho certeza de que o teu coração me oculta cuidadosamente alguma coisa...

Arthur — O meu coração!... (*simulando um riso de escarneo*) Ah! ah! ah! Tens graça, ás vezes...

Padre — Terei; mas não para ti, que acabas agora mesmo de rir contra vontade.

Arthur — Homem essa!...

Padre — Ora, vamos... (*vae sentar-se na cadeira junto ao sophá*) Tens dito muitas vezes que és meu amigo, e eu sei que o és. Assim, pois, deixa cahir a mascara dessa reserva, e permite que eu seja, não o teu confessor, mas o teu confidante.

Arthur (*com gesto de enfado*) — Apre! que és teimoso!...

Padre — Ah! não queres dizer-me! Peor para ti. Pois vaes ouvir de meus labios a historia do teu coração...

Arthur — (*rapido*) Mas quem poderia dizer-te?!

Padre — Ora ahí tens a confirmação das minhas suspeitas. Então, é sempre certo que o teu coração tem uma historia. Ninguem ma contou. Adivinhei-a eu.

Arthur — Não pôdes ter adivinhado o que realmente não existe...

Padre — Eu te direi se existe ou não... Mas no fim de contas, porque vacillas em confessar-me que começas a sen-

tir que a amas! Tens tu o teu destino preso a algum compromisso sagrado? Fizeste voto de celibato? Resolveste cerrar o coração ás santas emoções do amor?... É sempre assim, infelizmente!... Os que pôdem, os que têm a faculdade de amar e de sentir livremente; aquêlles que não acorrentaram a sua existência ao poste de um dever penoso, os que não têm votos a cumprir, nem juramentos a observar, se occultam, porventura, um sentimento qualquer que os agita, é porque esse sentimento em vez de lisonjea-los, os envergonha.

Arthur — Envergonhar-me? Mas de que? A quem te referes? Posso eu porventura amar a alguém? Perguntas-me se eu tenho algum compromisso que prenda o meu destino! Sim, tenho: e um compromisso terrível: — com a morte! (**pondo a mão no peito**) Aqui a tenho, aqui a sinto!... Todos pretendem enganar-me acerca do meu estado: é em vão. Eu observo, dia a dia, os progressos rapidos da enfermidade, e sinto o virus devorador proseguir cada vez com mais afan na sua obra destruidora.

Padre — Apprehensões, apprehensões...

Arthur — Antes fossem, meu Oscar. Ora, dize-me: achas justo que eu, sabendo estarem contados os meus dias, procure infelicitar uma pobre moça, fazendo-a minha esposa? Para morrer desesperado, lembrando-me que a deixo? Para infornal-a eternamente se por acaso tiver de inspirar-lhe amor? Não. O amor para mim é um perigo e sabes bem o que diz a Escritura: "Qui amat periculum, in illo peribit".

Padre — Ah! que és bem mais feliz do que eu... Tu — illudes-te a ti mesmo para te julgares desgraçado; eu — procuro em vão enganar-me a mim mesmo para considerar-me feliz. De que te queixas, louco? De ser moço, livre, rico, intelligente, esperançoso? (**exaltado. Levanta-se e desce á scena**) Queres tu ser desgraçado? Nada mais facil: Entra num seminario e faze-te padre. Sabes o que é ser padre aos 25 annos, no seculo XIX, em plena época da actividade, de movimento, e de rumor? Eu te digo: É condemnares-te a ti proprio á inercia; no meio da actividade; á perplexidade, no centro de todo o movimento; ao silencio, no seio de todos os rumores. É matar em embryão todas as esperanças e todas as illusões; é parar quando os outros caminham; retroceder quando os demais avançam; morrer quando todos vivem. Enverga uma sotaína por sobre um peito que estremece de aspirações e põe sobre a cabeça um solidéo que destróe todas as tuas idéas... Dentro em pouco não és homem, és imagem de homem, vês passar por diante de teus olhos, como um kaleidoscopo gigante, todas as scenas da vida, todas as alegrias do mundo, todos os perfumes do amor, todos os matizes de sentimento... Queres atirar-te... mas a "volta", a terrível "volta" que te cin-

ge o pescoço, te prende como se fôra uma golinha de força-do. Quem ha por ahí que aos 25 annos não possa sentimento esthetico para perceber o que é bello e sublime? quem ha que se não extasie diante da belleza e não aspire ao amor? Deram coração ao padre para sentir, não para gozar; olhos para chorar, não para luzir, ouvidos par ouvir as lamentações dos moribundos e as faltas dos peccadores e nunca, nunca, entendes bem? palavras de conforto e expressões amorosas. O padre, que deve começar a sua tormentosa existencia pela renuncia das grandezas da terra, deve finda-la pelo desprezo de si mesmo. É estrangeiro onde quer que esteja; só tem por pátria — a igreja. Une os que se amam, e é sempre só. Consola os que padecem, e sofre sempre mudo e resignado. Soccorre os necessitados, e ninguem é mais miseravel do que elle. Em conclusão: Nos seus momentos de duvida, de incerteza, de descrença, de scepticismo mesmo, a Natureza se revolta e diz-lhe: És homem; o dever reage e diz: És padre. Então os dois individuos antagonicos, incluídos num mesmo organismo, discutem e questionam... Diz o homem; preciso de ar, de luz, de movimento, de vida, de amor, porque eu sou — da Natureza. Responde o padre: preciso de paz, de sombra, de recolhimento, de fé e de orações, porque eu sou — de Deus!... Oh! é terrivel... muito terrivel! (cáe abatido. junto á mesa da E).

Arthur — (soccorrendo-o) Oscar, que é isso? essa agitação!...

Padre — (abraçando-o) Perdoa-me, amigo; eramos sós; provocaste-me, desabafei. Conheces agora toda minha alma. Porque me não abres a tua? Tu ámal-a, não é verdade?...

Arthur (com difficuldade) Sim... eu... Silencio! Vem gente. (Oscar levanta-se e vae sentar-se, enxugando os olhos, á parede lateral esquerda, de modo a não poder ser visto por Elisa, que entra chorando).

SCENA ULTIMA

Os mesmo e Elisa

Arthur — Que é isso, boa mulher? Vem chorando? Succedeu alguma coisa a...

Elisa — Ah! meu senhor, as apparencias enganam... Quando eu soube onde ella estava, fiquei contente, e fiz idéa de vir encontral-a tão feliz e satisfeita quanto o póde ser uma pessoa que apenas ha um mez perdeu seu pae... Ah! que engano! achei-a banhada em lagrimas, quasi sem poder fallar. Nada me quiz dizer; affirmou-me que é feliz, mas percebia-se que estava a mentir. Mostrava-se inquieta e perguntou-me com quem tinha fallado para chegar até ella. Então, ficou ainda mais desassocegada e pediu-me, com a voz tremula de

commoção, que me retirasse e voltasse outra ocasião em que pudesse fallar aos seus bemfeitores... Quer saber de uma coisa? Tudo quanto ouvi me habilita a dizer-lhe que Amelia não é feliz!...

Padre — (voltando-se rapidamente) — Que é! Que diz a senhora?

Elisa — Meu Deus! Perdôe-me senhor. Não sabia que estava ahí...

Padre — Mas a senhora não disse que Amelia era infeliz?

Elisa — Sim... eu... julgava, mas...

Padre — Viu-a chorar? Disse-lh'o ella?

Elisa — Mas... senhor...

Padre — Falle, senhora, falle... Sou da familia, sim... mas saiba que tenho o maior interesse em inteirar-me se dona Amelia é feliz ou desgraçada.

Elisa — Eu não sei, senhor... Talvez que se lhe perguntar, ... O que sei é que quando a encontrei — chorava, e quando a deixei, chorava!... (sahe)

Padre — Meu Deus! Meu Deus! Ah! Arthur! Tens abundantes razões para amar essa menina: é bella e infortunada!

Arthur — Não me condemnas, não?!

Padre — Condemnarte, eu?! (tomando-lhe as mãos, diz-lhe em voz tremula e baixa) Não te condemno... invejo-te!

FIM DO SEGUNDO ACTO

ACTO TERCEIRO

(A mesma scena do acto anterior)

SCENA I

LEANDRO, SUZANA e PEDRO

(Leandro e Suzana, entram D. A. do interior acompanhados de Pedro)

Leandro — Não, meu velho, não, decididamente — não! Isso é uma rematada asneira, em que nem eu, nem Suzana, nem o Reverendo meu filho consentiremos.

Suzana — (indo sentar-se no sophá) Vamos lá, senhor Pedro. O rapaz não está tal peor, como o senhor suppõe... Até me parece que de certo tempo a esta parte anda mais le-pido... mais vivo...

Pedro — E eu embirro solemnemente com as pessoas muito "vivas"... Portanto, antes que o mal cresça, bom é cortar-lhe a cabeça...

Suzana — E o senhor mesmo não está tal peor do seu rheumatismo...

Pedro — Como?! Pois a senhora D. Suzana terá por acaso procuração para sentir por mim as dôres do meu rheumatismo?...

Leandro — Não queremos dizer isto... (vae sentar-se na cadeira de baixo)

Pedro — Ah!... pensei... Eu digo que soffro e D. Suzana diz que eu não soffro. Ora sempre quero que tu me digas qual de nós dois deve ser acreditado.

Leandro — Pois faze lá o que entenderes. Em todo o caso o nosso protesto fica lavrado; e a maior difficuldade não está felizmente ainda vencida.

Pedro — E qual é ella?

Leandro — (olhando para a E. B.) Ahi a tens. Arranja-te.

SCENA II

Os mesmos e o Padre

Pedro — O nosso Reverendo filho... Oh! Perdôe-me!... Pelo costume de ouvil-os tratar assim a Oscar, escapou-me esta barbaridade. (continuando) O Reverendo amigo ha de ser razoavel. O meu finado avô — que Deus tenha no reino do céu, — dizia sempre: Depois de 3 dias põe-se o hospede a varrer a casa e a limpar panellas... Ora, eu supponho que já se passaram muitos 3 dias depois que para aqui viemos, e portanto...

Padre — Arthur communicou-me a sua resolução, senhor Pedro, que eu muito respeito...

Pedro — (a Leandro e Suzana) Vêm?... (senta-se no sofá)

Padre — Mas da qual discordo... (senta-se na cadeira)

Leandro e Suzana — (a Pedro) Vê?...

Padre — Essa agora!...

Padre — E' verdade. E se me permite que eu lhe falle com franqueza...

Pedro — Diga, diga, homem de Deus...

Padre — A' qual me opponho tenazmente.

Pedro — Bem. Vejamos os motivos.

Padre — Dentro em pouco os conhecerá; e posso-lhe garantir que são de ordem muito elevada. (levanta-se) Se meu pae e minha mãe dêrem licença passaremos ao meu quarto. (caminha para a E.)

Leandro — (levantando-se) Não. Fiquem aqui mesmo. Eu vou ao trabalho.

Suzana — E eu ás minhas orações... Até já. (sahem ambos, um pelo F. E. e a outra pela D. A.)

SCENA III

Padre e Pedro

Padre — (olhando para a porta por onde sahiu Suzana) E é isto o que entendem por crença!... E é isto o que chamam ser religioso e temente a Deus!... Minha pobre mãe! (para o Christo) Ah! tens o que fizeram os teus perfidos ministros dos santos preceitos da tua lei divina! Especularam com a tua moral para fanatisar os povos; aproveitaram-se da tua philosophia para arrastar a humanidade aos abysmos da ignorancia e do erro; corromperam as tuas palavras para intimidar os fracos; conspurcaram a tua doutrina para se elevarem, os ambiciosos! sobre os destroços da mentalidade humana ensandecida!... Oh! Martyr! Nunca o teu Templo pre-

cisou tanto como agora de ser expurgado dos miseros vendilhões que o deshonram! (pausa, a Pedro) Ri-se, talvez, da minha imprecação... (senta-se á D. da mesa)

Pedro — (Iecanta-se a E. da mesa) Não, bem o vê. Já estive para ser padre como o senhor... Vivi no claustro e sei até que ponto o recolhimento e a oração influem na mente do homem e lhe transformam as idéas. Suppõe que nunca pensei como o senhor? Oh! sim... E muito mais exaltado fui, da defesa da religião e dos seus dogmas! Hoje, o estudo e a experiencia dos annos têm mudado o curso das minhas idéas e se não sou o que se póde chamar um atheu, fujo pelo menos de ser considerado um — crente.

Padre — Acha-se então no periodo do scepticismo?

Pedro — Não: o scepticismo é o systema philosophico adoptado por aquelles que, encastellados na duvida eterna, não se preocupam de esclarecel-a nem de procurar onde a verdade está: assim como o "Pyrrhonismo" é a negação systematica da incerteza universal. Eu sou, meu jovem amigo, um espirito fluctuante no meio dos dois systemas: Nem acho que nada se deve affirmar, nem penso que tudo se deve negar. Se quizer, accitarei Deus como uma convenção, que se abriga dos dominios da consciencia e Christo como um martyr, cuja philosophia deve residir no Coração Humano. Um falla ao dever, outro falla ao sentimento.

Padre — As duvidas e as incertezas de seu espirito são partilhadas por todos os homens que estudam e que pensam. Eu pudera talvez combatel-as com vantagem... mas...

Pedro — Mas, sendo a Religião Christã fundada sobre um systema phylosophico, cujas bases Socrates tinha lançado sobre a terra 470 annos antes que o Messias as fortalecesse e sobre ellas levantasse o Templo do Christianismo, o meu joven amigo não se dá ao trabalho de contestar as minhas opiniões nem de dissipar as trévas de meu espirito, naturalmente porque adopta o preceito de De Maistre: — Não ha philosophia sem a arte de desprezar objecções. (levanta-se e vae sentar-se no sophá)

Padre — (levanta-se e toma o centro da scena) — De Maistre, escrevendo essas palavras, não promulgou uma lei: De Maistre não era simplesmente um christão, era também um catholico, e á Igreja Romana não convém, especialmente na actualidade, a discussão e o debate. Sou padre, é verdade, mas não entreguei o meu espirito á cegueira do fanatismo religioso, e estou bem longe de pensar com Cortês, quando duvidava que houvesse sob os esplendores do sol alguma coisa de mais vil e de mais desprezível do que o genero humano, fóra dos dominios do catholicismo!...

Pedro — Gosto de ouvir-o fallar assim!...

Padre — (tomando subitamente uma resolução. Senta-se) Estamos sós, meu amigo, e eu posso dizer-lhe o que sou e o que sinto, sem perigos; porque conheço-o e sei que me fará justiça sem me desconceituar aos olhos do mundo. Conhece perfeitamente todas as agruras exteriores da vida sacerdotal; tem sido testemunha dos factos que a caracterizam ou para o bem, ou para o mal. Ha ministros de Deus que se dão em escandalosos espectáculos nas praticas mais livres, irregulares e obcenas da vida secular; outros que simulam resignação e affectam o maior respeito pelos deveres da sua missão, e outros finalmente, que praticam todos os preceitos da religião de que são representantes officiais. Estes ultimos são raros e os menos perfeitos. Sabe porque?... Porque de indole passiva, de temperamento afeitoado, receberam desde o começo de sua educação moral e religiosa, como unicas verdades, as doutrinas de seus mestres. Nunca procuraram estudal-as, nem comprehendel-as, pelo systema de comparação e da analyse. Aceitaram tão facilmente a tyrania do dogma, como acceptariam a incongruencia do paradoxo. Estes são espiritos enfermos. Se erram ao começo, hão de errar até ao fim. Os da segunda especie são os tartufos da nossa classe, os discipulos de Loyola: por fôra — velludo ao direito; por dentro — velludo ao revez. Nos labios o nome de — Deus; no coração — o odio e a inveja! Os primeiros que mencionei são de certo os mais execrandos, meu amigo; aquelles sobre os quaes de preferencia chovem as censuras de todos, a condemnação geral e até o ex-informata consciencia.

Pedro — Esses são os bôdes expiatorios.

Padre — Diz bem: os bôdes expiatorios. Contra elles se assestam todas as baterias; o fogo da reprovação os envolve; esse grande polvo a que chamam a opinião publica os aperta entre os seus mil tentaculos? Porque os miseros não sabem furtar-se ás exigencias de seu temperamento; porque nelles pôde mais o sangue que o dever; porque a voz da da Natureza falla áquelas consciencias, mais alto do que a voz de Deus. São estes os menos culpados, e no emtanto os mesmos sobre os quaes mais pedras se atiram. E' justa, porventura, esta condemnação? É sensata esta sentença? Certamente que não. "Errare humanum est", dizem os proprios livros sagrados. Então que coisa mais facil do que um homem errar a sua vocação? Todas as profissões são livres; todo o homem, pôde em meio caminho, retroceder para seguir outro que julga mais adequado ás suas aptidões. O padre, não: esse hade ser eternamente padre, quer creia em Deus, quer não creia. Se não crê, tanto peor. A sua condição obriga-o a ser hypocrita: a espalhar idéas que não abraça e a fingir sentimento que não alberga. Neste caso ser padre, é ser victima da prepotencia, do

arbitrio e da violencia... logo, como condemnar aqueles que, fracos, sem elementos para insurgir-se contra as paixões que os agitam e suffocal-as, se esquecem do que prometteram perante Deus para só se lembrarem do que são perante a Natureza? Condemna-se por acaso o louco por commetter um delicto?... A embriaguez não é uma attenuante, uma quasi desculpa para o crime?... Os nossos codigos respondem affirmativamente a estas questões... Mas a sociedade não vê nada disto.

Pedro — (levantando-se) A sociedade é cega quando precisa não vêr.

Padre — A Natureza tem leis fataes em relação ao homem, e, muito embora os methodos preservativos do sexto preceito do Decalogo, os padres não estão fóra do dominio dessas leis, porque também são homens. Fazem voto de celibato; ficam-lhe defesas as alegrias da familia e a doce satisfação de se sentirem reviver na sua prole. Mas a Natureza insurge-se contra esse voto; e, então, o padre-libertino vae ás sentinas, ao prostibulo, á casa da Messalina devassa, onde não haja responsabilidades nem perigo de agravar o peccado do rompimento do voto de castidade com o da seducção e o da deshonorra. Oh! immortal, impio, depravado! Cáiam sobre elle todas as maldições de Deus! O padre tartufo, porém, vae ao seio da familia: é o confessor da senhora de tal e da menina sicrana. Vae todos os dias, vae a todas as horas; demora-se quanto quer; tem toda a liberdade; fica infinitamente a confessar, no seu quarto, a senhora e a dar-lhe "salutares" conselhos. E quando o padre sahe, deixando apoz si o adulterio ou a seducção, diz o povo, descobrindo-se respeitosaente deante delle: Santo homem! Lá vem de casa da senhora fulana, e vae para igreja. Oh! Cáiam sobre elle todas as bençams do céu!...

Pedro — É terrivel, mas verdadeiro esse quadro.

Padre — É... mas não é o peor. Isto vê o senhor todos os dias; é comesinho e vulgar. Mas o que ninguém vê e ninguém sabe é o fundo e silencioso tormento de todos nós, bons, hypocritas ou máus. Do que não cogita é desses momentos de recolhimento em que o padre quer ser homem e, no fundo da sua alma, trava-se-lhe lucta sangrenta entre a Natureza e o Dever. Então, sim: chega-se a descrêr de tudo, e a desesperação acaba quasi sempre pela impotencia do padre cahindo constricto aos pés da Cruz do Salvador! Olhe, senhor Pedro, se alguem lhe dissér alguma vez: É muito feliz o padre tal, responda sem medo de errar: Mentira. É muito desgraçado!

Pedro (depois de longa pausa, durante a qual tem dado signal de commoção, abraça extremamente Oscar) Ah! meu amigo, quanto o senhor é infeliz!

Padre — Sou-o, sim; e é em nome do meu infortunio que

eu lhe peço que fique em nossa casa. O senhor é meu confidente; preciso do seu coração para depósito das minhas lágrimas... Silêncio! Ah! vem a menina Amelia, e eu preciso fallar-lhe.

Pedro — Retiro-me; mas fico. Bem me entende. (sahe D. A.)

SCENA IV

PADRE e AMELIA (E. A.)

PADRE (procura compôr a physionomia. Em toda esta scena deve manifestar uma lucta intima; evitar o olhar de Amelia e fallar-lhe em tom affectuoso, que em vão procura tornar paternal).

AMELIA (que por sua vez, falla constrangida a Oscar e sem levantar os olhos, baixando os seus immediatamente quando por acaso encontra os d'elle) — Fazia-o fóra de casa.

PADRE — Engana-se. Esperava justamente opportunidade para fallar-lhe.

AMELIA — A mim?!

PADRE (indica-lhe o sophá, ficando de pé) — Sim, á senhora. Penso que o interesse que me inspira o seu futuro e a sua felicidade não precisam de demonstração...

AMELIA — Oh! não... O que entre nós carece de demonstração é simplesmente o meu profundo e eterno reconhecimento.

PADRE — Não disse isto para provocar os seus agradecimentos, Conhecemo-nos pequenos, criamo-nos por assim dizer juntos, e o mesmo homem que deu á senhora a luz da vida, deu-me a mim a luz do espirito. Ainda me recordo, ás vezes, daquelles tempos de infancia descuidosa em que brincavamos juntos e construimos sobre a areia phantasticos castellos.

AMELIA — Oh! que tempos ditosos!...

PADRE — E não voltam!... Relembra-los, para mim, no meio das agruras da minha vida presente, em que o futuro é tenebroso e o passado um sonho oriental, é remontar-me áquellas épocas saudosas e viver por instantes uma vida de delicias. O que tenho feito pela senhora é apenas o parco pagamento de uma grande divida para com seu pae, e para com a senhora mesma: Seu pae, porque foi o meu primeiro mestre e o meu melhor conselheiro e amigo, e a senhora porque foi a consocia das alegrias da minha infancia.

AMELIA — Ainda me recordo dos esforços que elle empregou para dissuadir seus paes da idéa de fazel-o padre, e dos conselhos que, nesse sentido, lhes dava.

PADRE — Ah! seu pae, minha senhora, via bem e longe...

(senta-se na cadeira) Mas proseguindo no meu proposito: eu tenho cuidadosamente observado desde que aqui está, e, força é dizel-o, da minha observação resultou chegar ao conhecimento de que a senhora não é feliz.

AMELIA (levantando-se surprehendida) Eu? Não sou feliz?

PADRE (levantando-se) — Não, e não tente negal-o. Ha ainda em seus olhos vestigios de lagrimas choradas ha pouco tempo. A sua pallidez denuncia os tormentos da sua alma, os seus labios descorados e a sua voz tremula trahem as dôres intimas que a affligem.

AMELIA — A demasiada bondade com que me trata, a afeição... fraternal que me consagra illude-o a respeito das causas do meu soffrimento. Não é natural que uma filha chore um pae a quem extremosamente amava e que ha tão pouco tempo perdeu?

PADRE — Sim, é... mas as suas lagrimas não vem sómente dessa fonte sacratissima; outros pezares as originam.

AMELIA — Não, por Deus...

PADRE — Não jure; vae jurar falso. Sei o que causa a sua desdita. (com difficuldade, pegando-lhe na mão) Meus paes tratam-na mal.

AMELIA (rapida) — Oh! não, não! Tratam-me como filha...

PADRE — Não diz a verdade, eu lhe agradeço a delicadeza. A sua obstinação, porém, não me convence.

AMELIA — Nem poderei jámais convencer a quem está disposto a não se deixar convencer. Queixei-me já a alguem?

PADRE — Não.

AMELIA — Viu alguma vez o senhor Leandro ou a sua senhora maltratarem-me?

PADRE — Não.

AMELIA — Constou-lhe sequer que, pela minha conducta, dêsse lugar ao desagrado dos meus bemfeitores?

PADRE — Tambem não.

AMELIA — Nesse caso...

PADRE — Nesse caso o que?... Nesse caso é licito supor que a senhora não se queixa porque tem uma grande alma, cheia de santa resignação; que meus paes evitam cuidadosamente o maltratal-a na minha persença e que em odios inveterados não ha mistér de motivos para se manifestarem.

AMELIA — Repare que está sendo injusto para com aquelles que lhe dêram o ser.

PADRE — Não; estou cumprindo um dever, que a consciencia impõe. Sou padre... a palavra o diz: pae. Deixe, pois, que, apezar da minha pouca idade, me considere seu pae, para interrogal-a e aconselhal-a. Jurei que a faria feliz;

e se, em vez de ditosa, a tornar desgraçada, não será por culpa das minhas intenções.

AMELIA — Já sou bastante feliz, em ter abrigo nesta casa e estima no seu magnanimo coração.

PADRE — Pois bem: tudo isso será muito, mas não é tudo. A mulher tem, sobre a terra, um destino superior, uma missão grandiosa a executar... (com dificuldade) Diga-me: já pensou alguma vez no futuro? Nunca cogitou na importância dos seus destinos, nem sonhou nunca com as alegrias do lar, os sorrisos de umas criancinhas gentis e travessas, os carinhos de um esposo bom e adorável?

AMELIA — (sobresaltada e rubra) — Sr. Oscar...

PADRE — Diga, Amel... diga, minha senhora. Seu coração de moça nunca se agitou a idéa do amor, que une as almas por um laço indissolúvel, que os transporta a mundos de ignotas bellezas, que os santifica e eleva perante Deus?... Nunca essa alma se povoou de chiméras e se entrebria como flôr de uma aspiração aos raios do sol da esperança?... (a custo) — Nunca amou?...

AMELIA (passando) — Meu Deus!

PADRE (esforçando-se por parecer tranquillo) — Falle... Falle...

AMELIA — Como quer que responda a semelhantes perguntas quem traça ainda as vestes de uma orphandade recente? Que aspiração posso eu ter, misera creatura, a quem a sorte se apostou em privar de todos os bens terrenos? Aos 15 annos perco minha mãe, aos 25 perco meu pae. Entre uma e outra desgraça — a miseria, a fome, o horror de uma situação, que de certo acabaria com a morte, se uma alma caridosa como a sua se não apiedasse do meu soffrimento e tratasse de o minorar. Pois podia eu pensar em amor...

PADRE — Tem razão. Não pensou... Mas não pensa agora?...

AMELIA — Agora?!

PADRE (com interesse mal dissimulado) — Sim, agora...

AMELIA (depois de pausa e com esforço) — Não...

PADRE (com satisfação mal comprimida) — Não ama, então, a ninguém?! (mudando de tom) Ah! continúa a querer illudir-me...

AMELIA — Oh! não... Juro-lhe...

PADRE — Não jure, lhe peço, não jure... Mas, se eu lhe dissesse que ha nesta casa quem a ame, com todo o fogo da mocidade... (exaltando-se e fallando como de seus proprios sentimentos) que vive da sua vida, que vê o futuro pela luz de seus olhos, que chora com o seu infortunio, que sente as suas dôres...

AMELIA (agitada) — Céus!...

PADRE — Como se foram proprias, que aneia por um sorriso de seus labios, como o crente suspira pela palavra sagrada...

LEANDRO (F. D. apparece ao fundo e pára admirado)

PADRE — ...que se inspira na sua resignação para occultar cuidadosamente o segredo do seu coração...

AMELIA (muito agitada e pretendendo fazel-o calar) —
Oh! cale-se... cale-se...

PADRE — Diga, se soubesse dessa affeição, da grandeza deste amor, que diria?...

LEANDRO (retirando-se apressado) — Oh! as minhas suspeitas!... as minhas suspeitas!... (D. A.)

AMELIA — Olhe que me mata...

PADRE — Que diria, Amelia, que diria?...

AMELIA (como que transfigurada) — Que diria?!... Isto! Eu tambem te amo. Tu que tiveste lagrimas para chorar o meu infortunio, coração para sentir as minhas dôres, alma para comprehender o meu sentimento, caridade para socorrer a minha desgraça, tu és o dono de todo o meu ser. Se m'ó pedisse, em troca de teu affecto, dar-te-hia tudo: o futuro, o brio, o pudor, a honra, a vida... Não me pertenco, sou tua, só... inteiramente tua...

PADRE (agitadissimo a olhar para todos os lados) — Oh! cale-se... cale-se... cala-te, desgraçada!... Cala-te...

AMELIA — Não, já agora hei de dizer: Menti-te, sabes? Eu amo, amo doidamente, ha muito tempo... e sabes a quem, Oscar, sabes?...

PADRE (agarrando-a pela cintura e querendo topar-lhe a bocca) — Oh! não digas... não digas...

AMELIA (luctando, desvencilha-se de Oscar e recúa de modo a ficar junto ao crucifixo) — É um padre que eu amo... é a ti, Oscar... (vae desfallecendo e apoia-se á parede de modo a ficar com a cabeça encostada no supedaneo da Cruz).

PADRE (no auge da agitação) — Tambem eu... tambem eu te... (vae correr á Amelia como para abraça-la, quando por um movimento da cabeça da moça, o crucifixo desprendendo-se do prego, cahe entre ambos. Padre com um grito de suprema angustia) — Ah! Desgraçado perjuro!... (cahindo sobre a Cruz) Perdão, perdão, meu Deus! (a Amelia que está como petrificada) Sáia... sáia... que eu succumbo!... (ao tempo em que sahe Amelia, E. A. entra Leandro seguido de D. Suzana, Pedro e Arthur).

SCENA ULTIMA

PADRE, LEANDRO, SUZANA, PEDRO E ARTHUR

LEANDRO — Vejam... vejam o escandalo...

TODOS — Que escandalo?

LEANDRO (reparando) — Onde está ella?

PADRE (levantando-se calmo) — Ella!... Ella... quem?

LEANDRO — Amelia?...

PADRE — Aqui só ha um padre abraçado à cruz do Salvador!

FIM DO TERCEIRO ACTO

ACTO QUARTO

A mesma scena do acto anterior

SCENA I

LEANDRO, PEDRO, ARTHUR E SUZANA

LEANDRO (em pé) — Mas se eu lhes garanto que vi e ouvi! Nesta sala estavam ambos em colloquio amoroso. Oscar fazia-lhe a mais calorosa declaração, que ella, a hypocrita, recebia commovida e agitada. Retirei-me; e emquanto vou ao jardim buscal-os para serem testemunhas da infamia, visto que o tinham sido das humilhações que soffri de meu proprio filho, para recolher essa desgraçada, ella se escapa e o tarufo fica... abraçado ao symbolo da Religião de que é indigno ministro.

PEDRO — O facto é de tal natureza repugnante, Leandro, que é quasi certo haveres-te enganado.

ARTHUR — Eu penso do mesmo modo... Oscar é um verdadeiro sacerdote e a menina Amelia...

LEANDRO — É... o que?... o que?... o que ella é eu bem sei o que ella é.

SUZANA (levantando-se) — Leandro, o nosso filho, o nosso Oscar não pôde haver descido tanto. Elle, que é um modelo de virtudes christãs!... Tens prevenção contra elle, e por isso...

LEANDRO — Prevenções contra meu filho?!... Quem mais do que eu desejaria que elle fosse innocente?

PEDRO — Será esse mesmo amor que te leva a ser injusto.

LEANDRO — O amor não compelle nunca á injustiça, e sim á complacencia.

SUZANA (passando. Em lagrimas) — Meu Deus! que desgraça a minha! O meu primeiro e unico filho, o depositario de todas as minhas esperanças, o enlevo da minha alma... (a Leandro) Não, não... enganaste-me, não é possivel!

LEANDRO — Não é possivel!... (esbravejando. Levan-

tam-se todos) Com a breca! Mas então eu estou a mentir?... Disse-lhes e repito. Meu filho é um indigno, que humilhou seus paes para trazer p'ra o seio delles a sua depravada amante. Ora ahí está.

SUZANA — Leandro! Leandro!

LEANDRO — Deixem-me... deixem-me que eu desespero. (sahe D. A.)

SCENA II

OS MESMOS, MENOS LEANDRO

SUZANA (deixando-se cahir sobre uma cadeira, junto á mesa da E.) — Oh! meu Deus que infelicidade!...

ARTHUR (passando) — Coragem, minha senhora, coragem... Seu marido é assomado, mas é bom. Tudo se remediará!

SUZANA (passando) — Snr. Pedro, snr. Arthur, tenham pena de mim. Oscar é tudo quanto eu amo neste mundo, se elle me faltar, morro de certo. Snr. Pedro, em nome de sua esposa; snr. Arthur, em nome de sua mãe, protejam-me, amparem-me.

PEDRO — Tudo faremos, minha senhora, não creio que seja duradoura a sua raiva. É deixal-o: o tempo restituirá áquelle espirito a calma de que ora se resente.

SUZANA — Ah! Não conhecem Leandro, não...

ARTHUR — Minha senhora, é preciso reflectir, em todo o caso, que o sr. Leandro é pae, assim como v. exa. é mãe.

SUZANA — Ah! se soubessem como eu padeço! (vae sentar-se no sophá)

PEDRO — Avalio, minha senhora. E permita-me dizer-lhe agora: esse soffrimento que a punge é o castigo do seu erro. V. Exa. dispóz préviamente do futuro de seu filho, como se dispuzessê simplesmente de um objecto de luxo. Eis ahí as consequencias: seu filho já não pertence nem a seu pae, nem á senhora... nem a si mesmo; pertence inteira e exclusivamente á Religião que, sem consultal-o, arbitrariamente o consagraram. V: Exa., para resistir a uma enfermidade fatal, prometteu dar á Deus, em troca de sua saúde, a vida inteira de um filho, que ainda nem era nascido. Achou que o sacrificio do futuro e das aspirações daquella criança, que se agitava dentro de si mesma, pouco era em relação á prolongação da sua existencia. Deve estar satisfeita.

SUZANA (levanta-se e vae a Pedro) — Basta, por Deus! não me atormente.

PEDRO — Não, não a atormento. Vá. vá descansar. que dentro em breve terá occasião de abraçar-me.

SUZANA — Vou. vou, e confio nos senhores. (sahe para seus aposentos D. A.)

SENA III

PEDRO E ARTHUR

PEDRO — Sim, senhores; pois tenho-me divertido muito. E tu?

ARTHUR — Divertido? Quando só vejo lagrimas, lamentações, discordias?!...

PEDRO (senta-se na cadeira perto do sofá) — Que queres? É preciso quebrar a monotonia da vida com o espectáculo destes dramas ignorados e destas dôres intimas... Prendes, então, que a gente deve levar a sua vida a rir e brincar?... Aprende, agora, meu filho, que os mais infelizes não são os que assim parecem e sim os que realmente o são.

ARTHUR — Tudo quanto se tem passado ultimamente nesta casa é de natureza a causar a mais séria impressão. E no fim de contas eu pergunto a mim mesmo o que haverá de verdade no que diz o senhor Leandro e não obtenho resposta que me satisfaça. Tenho a intelligencia perturbada por tantas commoções e os sentidos inteiramente confundidos.

PEDRO — O que é ser moço, heim? (levanta-se) Pois eu vejo tudo claro como se estivesse lendo em um livro aberto. Oscar amava essa menina, desde pequeno, e deves lembrar-te que muitas vezes fui obrigado a puxar-te as orelhas porque te zangavas com o rapaz, por vêr que elle preteria á tua a companhia de Amelia. (reparando na transformação do filho) Mas, que tens? Empallideces?

ARTHUR — Nada... (sentando-se) Foi invocar recordações da minha infancia, e...

PEDRO (desconfiado) — Hum!... Mas, como hia dizendo: amavam-se os dois desde pequenos. Mais tarde foram obrigados a separar-se. Oscar seguiu para o seminário a cumprir o voto de sua mãe. Com o tempo começou a comprehender o fundo abysmo que existia entre elle e a sua companhia de brinquedos infantis. Tentou então esquecer-a, mas a memoria de sua amada tanto mais lhe avivava na lembrança e no coração, quanto maior era o esforço que empregava para apagal-a. Voltou afinal ao seu lar e que veio achar? Aquela a quem nunca esquecera e o seu velho pae, lançados á ultima miseria por sua propria familia. Irinéo, a morrer, sem pão e sem luz, deixando uma filha quasi nua e ao desamparo... (Arthur levanta-se) Mas que tens? Parece que a minha historia te impressiona demasiado...

ARTHUR — Commove-me, sim, mas... continúe.

PEDRO — Então, quando Oscar reacendia a candeia que devia illuminar o cadaver do pae de Amelia, agitava tambem, sem o querer, o brazeiro do amor que estava cinerado nas pro-

fundezas da sua alma. Traz para casa a orphã, não para abusar della, mas por humanidade, e seus paes a maltratam e ella não é feliz. É nesse momento que a labareda se ateia. Encontram-se. Oscar quer saber de Amelia como a tratam em casa. Amelia recusa dizer-lho. Dizem-se muitas coisas um ao outro e por fim, acabam reconhecendo que... (**reparando no filho, que cada vez mais se transfigura**) que...

ARTHUR — Acabe...

PEDRO (muito agitado) — Que se amam como sempre e cada vez mais. Neste momento o homem lembra-se que é padre e repelle a mulher para abraçar-se á cruz.

ARTHUR (levantando-se, em ancia) — Tem certeza de que os factos se passaram dessa maneira?

PEDRO (observando o filho) — Certeza, não... Calculo!

ARTHUR (cahindo em uma cadeira) — Ah! meu pae, como sou desgraçado!

PEDRO — Arthur, tu amas essa mulher!

ARTHUR (levantando-se) — Oh! muito, meu pae, muito! (abraça-o).

PEDRO (acalentando-o) — Vamos... Vamos... eu já o esperava... eu já o esperava. Pois olha que ella é digna de ti, mas, debes esquecel-a.

ARTHUR — Impossivel! (passa e senta-se no sophá)

PEDRO (com a voz embargada pela commoção) — Impossivel! impossivel!... Pois eu acho uma coisa muito facil... muito facil.

ARTHUR — Porque não esquece minha mãe?

PEDRO — Ora, ora, ora... Porque foi a mãe de meus filhos. Essa é boa!

ARTHUR — O que é facil é aconselhar... (senta-se)

PEDRO (chorando) — Convence-te... que... sim, que... Homem, eu vou-me embora para não chorar pela primeira vez na minha vida. (sahe F. D.)

SENA IV

ARTHUR E AMELIA (E. A.)

AMELIA — Sr. Arthur... Sr. Arthur...

ARTHUR (levantando-se) — Ella!

AMELIA — Anciava por fallar a alguem, que me contasse o que se tem passado. Accusam-me, não? Todos me odeiam? Vão lançar-me fóra de casa, e proclamar-me deshonorada? Oh! diga, diga...

ARTHUR — Não, minha senhora, de nada disso se trata.

AMELIA — E elle?! (**Arthur estremece**) Oh! que grande e generosa alma!... Não póde mais vêr-me, de certo. Abomina agora a mulher que impudicamente se lhe offereceu...

ARTHUR — Oh! por Deus! não falle assim, que eu soffro muito. Poupe-me ao tormento de ouvil-a degradar-se a seus proprios olhos.

AMELIA — O Sr. padece por me vêr soffrer?! Tambem o commovem as minhas dôres?

ARTHUR — Se me commovem?... Daria a minha vida inteira para evitar-as. Para vê-la feliz, venturosa, eu não regatearia todo o meu sangue, sabe porque?... Porque tambem a amo e muito.

AMELIA — Ah! quantos infelizes eu faço em redor de mim! Era talvez o senhor que elle me fallava, e eu, allucinada, perdida, tomei por propria a confissão de extranho affecto. Oh! que funesto engano!

ARTHUR — Ama-o, já sei.. ama-o desde pequena... hoje uma barreira insuperavel os separa um do outro. Devem ter perdido ambos as esperanças de se unirem. Pois bem: se alguma vez pensar em fazer a felicidade de alguém; se uma tenue sombra se interpuzer entre o seu presente e o seu passado, esqueça tudo, se fôr possível, mas não olvide que eu lhe offereci o meu futuro e a minha vida.

AMELIA — Nobre e generoso coração!... Bem sinto não poder correspondel-o. Não quero enganar-o, porém; não posso pertencer a Oscar, a mais ninguem pertencerei.

ARTHUR — Oh! pelo amor de Deus, não me roube a esperança.

AMELIA — Não pôde dar esperanças quem já de todo as perdeu. Adeus, senhor Arthur. (vae a sahir, encontra o padre na E. B. e faz um ligeiro movimento para fallar-lhe. Oscar faz um gesto de silencio e aponta-lhe delicadamente a porta da E. A. Oscar senta-se junto ; meza).

SCENA V

ARTHUR E PADRE

ARTHUR — Era, então, a ti que ella amava?

PADRE — Era, infelizmente, a mim.

ARTHUR — Ah! tu és feliz! Siquer ao menos tens a certeza de que és amado, de que ha um coração que pulsa por ti, que só por ti palpita...

PADRE — Oh! suprema consolação!... (ironico e levantando-se) Felicidade de Tantalo, não é assim?... Ter a ventura ao alcance da mão e ser obrigado a deixal-a fugir?... Passado enamorado, mas abatido pela arma do caçador na occasião de prelibar o mel da flôr?!... Oh! que ventura, digna de inveja!... (passando)

ARTHUR — E que dirás tu daquelle que ama sem esperança, que é francamente desilludido?...

PADRE (senta-se no sofá) — Direi que é mais feliz do que aquelle que ama e é amado e tem necessidade de esconder o seu amor o repellar o que lhe consagram. Isto é tormento, entendes? Bem lhes dizia eu, quando intentava a grande obra de regenerar meus paes: Deus queira me não transvie eu tambem! Aqui me tens transviado. Anjo decahido, apostolo perjuro e infiel... só me restam as penas eternas, que já as sinto lavar no meu coração. Succumbi. Que queres? Tambem sou homem, e o homem, comquanto feito á imagem de Deus, é fraco e peccador.

ARTHUR — E nunca me disseste nada... e pretendeste arrancar de meus labios uma confissão que devia magoar-te!...

PADRE — Dizer-te?! (levanta-se) Pois eu podia lá dizer-te semelhante coisa?... Póde o padre abrir o seu coração para expandir magoas de amor? Deve mesmo fazel-o?... Ah! que é preciso não saber até que ponto nos prende e nos sufoca essa tunica de Nessus que trazemos sobre os hombros! Descança, porém, que antes de morrer não a darei como o heróe da fabula á mulher que amei e tu pódes ainda ser feliz...

ARTHUR — Eu!... Agora mesmo, neste lugar, acaba ella de dizer-me que, não podendo pertencer-te, a ninguem pertencerá.

PADRE — Infeliz!... E queres-me mal por isso?

ARTHUR — Eu! querer-te mal? (abraça-o) Disséste-m'o uma vez e eu t'ó repito agora: Não te quero mal, invejo-te!

PADRE — Ah! que bom amigo que tu és!... E pensar que tenho de deixar-te a ti, a meus paes, a todos, para nunca mais os vêr! (Suzana apparece da D. A.) Que tenho de afastar-me destes lugares, onde suavemente transcorreram os dias da minha infancia, e onde eu contava vêr chegar tranquillamente as primeiras nevoas da velhice!... Pensar que tenho de...

SCENA VI

OS MESMOS E D. SUZANA

SUZANA (não podendo mais conter-se atira-se para o filho banhada em lagrimas e abraçalhe as pernas) — Não, tu não me deixarás, filho de minh'alma... ou eu irei contigo para onde quer que vás.

PADRE (levantando-a) — Minha mãe!... Então que é isto? (Arthur remonta e vae encostar-se á porta do F. do meio)

SUZANA — Isto é uma mãe que está aos pés de seu filho... É novo o quadro, não? Inverteram-se as posições, não é assim?... Mas é que eu amo-te muito para consentir mudamente em que me abandones para sempre. Oscar, eu morreria, sabes?... eu morreria...

FADRE (vae sentar Suzana) — Ah! minha mãe! Não é ocasião de accusal-a; mas é forçoso que eu me justifique e que a senhora se resigne... Eu não a abandono... Tudo isto que vê; estas desgraças que nos acabrunham; este futuro tormentoso que todos antevemos — preparou-o a senhora mesma. Não foi por sua vontade que me fiz... o que sou?... Não chorei lagrimas de sangue, quando me obrigou a sahir do lar para ir habitar no seminario, onde entrei — homem, e de onde sahi padre? Enquanto eu podia ser-lhe companhia e encanto — repelliu-me; hoje, que um juramento solemne me affasta do lar e me accorrenta á Igraja, exige que não a abandone!... Mas eu hoje já me não pertenco. E quando mesmo os sentimentos do amor filial conseguissem vencer por instantes os sentimentos do amor do proximo, a que estou votado, seria essa uma victoria ephemera, porque dentro em breve a razão, reassumindo o seu imperio, triumpharia fatalmente sobre o coração.

SUZANA — Oh! meu filho... cala-te... demasiado estou castigada do meu erro...

PADRE — Ouça: A senhora matou o meu futuro, as minhas aspirações; cortou pelo pé a flôr das minhas esperanças de moço; torceu a vocação da minh'alma e impediu os vôos do meu genio... Não a condemno, porém, perdôo-lhe o mal que me fez porque sei que o não dictou o sentimento da perversidade. Foi a educação, minha mãe, foi o fanatismo, foi a idéa erronea que lhe ensinaram a fazer de Deus e da sua religião. (levanta-se)

SUZANA — Pois bem, meu filho, fica aqui, e me ensinarás a amar verdadeiramente a Deus e a respeitar os seus santos mandamentos... (Arthur desce)

PADRE — Impossivel! É tarde.

SUZANA — Oh! não me digas isso!

PADRE — Mas que quer que eu faça, meu Deus? Quer.,. que eu me perca, minha mãe! Quer que eu fique exposto á tentação e que veja todos os dias aberto diante de mim o precipicio em que eu e ella afinal nos abysmariamos...

SUZANA (soltando-se dos braços de Arthur e recuando um passo) — Então teu pae não mentia?...

PADRE — Não, não mentia... porque eu amo-a, entende bem?... Amo-a, louca e desesperadamente. Se a vejo ainda uma vez, se lhe fallo, se ouço a sua voz, succumbo... e, então, em vez de chorar a minha ausencia, terá de lamentar a minha morte!

SUZANA — Ah! essa desgraçada é a causa de tudo isto... Expulsal-a-hemos de casa comtanto que fiques...

ARTHUR — Que diz, minha senhora?!

SUZANA (passando) — Póde o senhor leval-a comsigo,

essa boa joia, que veio desencaminhar meu filho e arrancal-o de meus braços... Pagou-nos bem o agasalho, pois não!... Resta saber no ajuste de contas quanto exigirá pelos serviços que nos prestou!...

ARTHUR — Minha senhora, está insultando uma martyr!

SUZANA — Oh! uma santa!... Logo vi que havia de defendel-a!

ARTHUR — Minha senhora!...

SUZANA — Vou já, já pol-a na rua...

PADRE (tomando-lhe o passo) — Seremos, então, dois a sahir. E pela rua irei a gritar aos transeuntes: Aqui vão o padre a a concubina! Quem os quer vêr? É aproveitar. Gratis tanto para os pobres, como para os ricos. Cheguem, cheguem, senhores exploradores do escandalo. O caso não é novo, mas faz rir... Quem quer vêr a mulher do padre?... Que bonito, heim, minha mãe?... Como a senhora não ha de ficar orgulhosa! Como meu pae não ha de ficar contente!

SUZANA (áuolhando-se) — Perdão, perdão, Oscar... (desfallece)

PADRE (levantando-a ajudado por Arthur e sentando-a no meio do sophá) — Céus! Desmaia. Arthur! chama por soccoro! Accudam!

ARTHUR (indo ás portas do interior) — Accudam! Accudam!

SCENA ULTIMA

OS MESMOS, AMELIA, LEANDRO, PEDRO, Criados e Criadas

LEANDRO (correndo a Suzana) — Suzana! Suzana!... (repellindo o padre) Era só o que faltava, senhor: era matar a sua mãe!

PADRE — Porém ella não está morta!... Diga... Diga, meu pae.

LEANDRO — Oh! não, infelizmente não, para beber até o fundo o calice de amarguras que o senhor lhe preparou.

PADRE — Volta a si...

SUZANA (recobrando os sentidos, levanta-se, passa a mão pelos olhos, e depois como que se lembrando de alguma coisa, dá um grito) — Ah! meu filho!... dê-me meu filho!...

PADRE (num transporte de ternura) — Aqui estou, minha mãe, aqui estou... (corre a abraçal-a e ajoelha, ficando Suzana com a cabeça de Oscar encostada ao peito e beijando-a soffregamente)

SUZANA — Graças, graças, meu Deus!... (longa pausa, durante a qual todos se libertam da commoção desta scena e o padre se levanta)

PADRE (levantando-se e vae a Leandro) — Meu pae. Sei que está magoado de mim. Tem razão e eu rogo-lhe humildemente que me perdôe. Eu vou partir... (movimento de Suzana) é fatal!... Mas antes quero deixar o seu espirito vasio de qualquer suspeita. Aquella desditosa menina é innocente, ju-ro-lhe. É tão digna da sua protecção e do seu amparo como quando para aqui veio. Eu... sou padre, tenho de seguir o meu destino atroz. (Suzana chora) Bem pôde ser que a morte ponha fim aos meus tormentos. Pois bem, um ultimo favor: conservem-na junto a si, que ella occupe nesta casa o lugar que eu deixo vago. Essa fortuna, esse accumulo de bens que possuem, partilhem com ella, que bem o merece; eu não preciso delles. (ajoelha-se) É de joelhos que lh'o peço! perdôe-me e ampare-a.

LEANDRO — Eu já esperava esta supplica... E teve coragem para fazel-a? E não morreu de vergonha o filho que veio pedir ao pae para pagar, com o suor do seu rosto, com o producto de seu trabalho honesto, os favores de sua amante.

PADRE (levantando-se rapidamente) — Meu pae!...

AMELIA (desfallecendo) — Ah! (Pedro e Arthur a soccorrem)

LEANDRO — Desfalleceu a virtuosa menina... Vá, não se constranja; vá reanimal-a com os seus beijos, uma vez que vive de sua vida e se inspira na sua resignação... (passando)

PADRE — É demais, senhor! Se não respeita o sarcedote, respeite ao menos o filho.

LEANDRO — O senhor não é meu filho (desce a elle) Quando tomou ordens fez um juramento solemne de consagrar-se inteiramente a Deus e... ao amor!

SUZANA — Basta, Leandro, basta... (desce a elle)

PADRE — É justo. Castiga-me com as minhas proprias palavras!

LEANDRO — Lembra-se das humilhações que então me impoz para me obrigar a receber a sua concubina?... Eu não as esqueci. Ah! mas é sempre certo que toda a virtude tem sua falha. Apresentou-se querendo regenerar o mundo e foi o mundo quem o regenerou. Onde aprendeu as artes dos D. Juans? No seminario tambem se ensina disso?

PEDRO E SUZANA — Leandro, sê complacente.

ARTHUR — Olhe que o mata.

AMELIA (que tem voltado a si) — liberdade!...

LEANDRO (ouvindo a voz de Amelia, revolta-se — Ah! vem pedir pelo seu amante? Pois bem: Sáiam, sáiam ambos. (depois de pausa) Sáiam, não ouviram?...

PEDRO (tomando a mão de Amelia) — Vamos, minha senhora. Na minha casa ainda ha lugar para mais uma filha.

AMELIA (beijando-lhe a mão) — Por poucos dias, garantanto...

PADRE (indo a sahir é interrompido pela mãe).

SUZANA — Oscar!... Oscar!...

PADRE (voltando-se, abraçando-a e beijando-a) — Minha mãe, minha mãe... perdôe-me e esqueça-me.

SUZANA — Esquecer-te, oh! nunca!... Tu não partirás...

PADRE — Oh! Deus!... Que será de mim?

LEANDRO — Tu o disséste uma vez e eu t'ô repito agora? Serás padre, só padre, e eternamente padre!!!...

FIM DO DRAMA

	Cr5		Cr. 4
Homem (O) que nasceu duas vezes, 5 h. e 6 s.	6,00	F ^{ho} (O) Prodigio, 8 h. só	6,00
Inventor (O), 7 h. e 4 s.	6,00	Filhos (Os) da canalha, 5 h. e 2 s. ...	6,00
Izoldor (O), 2 h. e 1 s.	6,00	Fogo do Céu (Relâmpago), 3 h. e 2 s. ...	6,00
Jequitibá, 7 h. e 5 s.	6,00	Gabriel e Lusbel (Os milagres de Sto. Antonio), 17 h. e 7 s.	6,00
Lenço (O) branco, 4 h. e 2 s.	6,00	Herança (A) de um ranheiro, 4 h. e 1 s.	6,00
Maluco n.º 4, 5 h. e 4 s.	6,00	Honra do operário, 6 h. e 1 s.	6,00
Ministro do Supremo, 7 h. e 5 s.	6,00	Honra (A) ultrajada, 3 h. e 1 s.	6,00
Mogos e velhos, 4 h. e 2 s.	6,00	Ingrato (O), 3 h. e 1 s.	6,00
Mudança á meia noite, 4 h. e 1 s.	6,00	Lágrimas de Mãe ou Um filho... Um Pecado, 5 h. e 4 s.	6,00
Mulata (A) é de Circo, 8 h. e 3 s.	6,00	Leonardo, o pescador, 6 h. e 1 s.	6,00
Não dá passarinho, 10 h. e 7 s.	6,00	Lôbo (O) do mar, 4 h. e 1 s.	6,00
Noite de São João (A Flor da Mata), 8 h. e 5 s.	6,00	Luz, ou a cruz do juramento, 6 h. e 1 s. ...	6,00
Piperlin, corretor de casamentos, 6 h. e 5 s.	6,00	Jequitibá, 7 h. e 3 s.	6,00
Primeiro (O) Marido da França; 5 h. e 5 s.	6,00	João, o corta-mar, 6 h. e 1 s.	6,00
Que trapalhada!, 4 h. e 3 s.	6,00	Morte civil, 6 h. e 2 s.	6,00
Que sogral, 3 h. e 2 s.	6,00	Nódoas (As) de sangue, 7 h. e 1 s.	6,00
Salim Said Cima, 8 h. e 2 s.	6,00	Operários em greve, 8 h. só	6,00
Secretario de Sua Excelencia ou (O Futuro Presidente), 9 h. e 5 s.	6,00	Pena (A) de morte, 6 h. e 1 s.	6,00
Saudade, 4 h. e 3 s.	6,00	Provas (As) do crime, 5 h. e 1 s.	6,00
Sobrinhos do papá, 4 h. e 1 s.	6,00	Rosa (A) do Adro, 8 h. e 2 s.	6,00
Terra Natal, 7 h. e 6 s.	6,00	Scenas da miséria, 7 h. e 1 s.	6,00
Tio (O) padre, 4 h. e 1 s.	6,00	Segredo (O) do pescador, 5 h. e 2 s. ...	6,00
Tipos da actualidade, 3 h. e 3 s.	6,00	Sétimo Céu, 13 h. e 3 s.	6,00
Um amigo dos diabos!, 4 h. e 1 s.	6,00	Sonhos de louca, 7 h. e 1 s.	6,00
Vendedor (O) de ilusões, 9 h. e 5 s.	6,00	Tocadora (A) de harpa, 7 h. e 2 s. ...	6,00
Vida (A) é um sonho, 7 h. e 8 s.	6,00	Um erro judicial (O louco da aldeia), 8 h. e 1 s.	6,00
DRAMAS EM 1 ATO		Valeria, a cega, 3 h. e 2 s.	6,00
Escravo (O), 3 h. e 1 s.	3,00	Veterano da liberdade, 3 h. e 1 s. ...	6,00
Garra (A), h. e 1 s.	3,00	20.000 dolars, 13 h. e 2 s.	6,00
Ladrão de casa, 5 h. só	3,00	DRAMAS EM 4 ATOS	
Maldição paterna, 7 h. só	3,00	Deus e a Natureza (esgotado)	8,00
Mentira (A), 4 h. e 1 s.	3,00	Filha (A) do Saltimbanco, 6 h. e 2 s. ...	8,00
Uma anedota, 3 h. só	3,00	Cruz (A) de cedro, 10 h. e 1 s.	8,00
Ultimo (O) adeus, 4 h. e 1 s.	6,00	Gaspar, o serralleiro, 9 h. e 1 s.	8,00
Um dia de festa, 2 h. e 5 s.	3,00	Gênio (O) galé, 8 h. e 1 s.	8,00
Vagabundo (O), 2 h. e 1 s.	3,00	Jocelyn, o pescador de baleias, 4 h. e 1 s.	8,00
DRAMAS EM 2 ATOS		Ladrões da honra, 7 h. e 1 s.	8,00
Amor e honra, 4 h. e 2 s.	5,00	Magda, 6 h. e 7 s.	8,00
Culpa e perdão, 3 h. e 3 s.	5,00	Mais forte que o amor, 10 h. e 2 s. ...	8,00
Divida de honra, 4 h. e 1 s.	5,00	Orfã (A) de Goyaz, 6 h. e 2 s.	8,00
Galato (O) de Lisboa, 6 h. e 2 s.	5,00	Poder (O) do ouro, 12 h. e 2 s.	8,00
Rosas de Nossa Senhora, 6 h. e 3 s. ...	5,00	Silêncio heroico, 9 h. só	8,00
Um capricho de S. M. Divina, 5 h. e 2 s. ...	5,00	Sylvio, o cigano, 7 h. e 1 s.	8,00
DRAMAS EM 3 ATOS		Vampiros sociais, 7 h. e 1 s.	8,00
Advogado (O) da honra, 6 h. e 1 s. ...	6,00	DRAMAS EM 5 ATOS	
Amor louco, 5 h. e 1 s.	6,00	Cabana (A) de Pai Tomaz, 14 h. e 4 s. ...	8,00
Arnaldo, 10 h. e 1 s.	6,00	Conde (O) de S. Germano, 16 h. e 2 s. ...	8,00
Arthur, o jogador, 10 h. só	6,00	Dallia, 9 h. e 5 s.	8,00
Caboclos, 4 h. e 4 s.	6,90	Escrava (A) Andréa, 4 h. e 1 s.	8,00
Cégo de amor, 3 h. e 2 s.	6,00	Filha (A) do mar, 16 h. e 3 s.	8,00
Diana de Rione, 7 h. e 2 s.	6,00	Filho (O) do montanhês, 5 h. e 2 s. ...	8,90
Dois (Os) Sargentos, 10 h. e 2 s.	6,00	Mártir (O) do Calvário, 22 h. e 6 s. ...	10,00
Erro de um pal, 5 h. e 1 s.	6,00	Modelo (O) vivo, 10 h. e 1 s.	8,00
Esposa e mãe, 5 h. e 1 s.	6,00	Remorso (O) vivo, 15 h. e 2 s.	8,00
Espectro do passado, 7 h. e 1 s.	6,00	MONOLOGOS E POESIAS DRAMATICAS	
Expedicionário (O), 6 h. e 1 s.	6,00	A Lágrima	1,00
Falsos (Os) amigos, 5 h. e 1 s.	6,90	A Morta Galante	1,00
Ferro em braza, 10 h. e 3 s.	6,00	As distrações	1,00
Filha (A) do estalajadeiro, 6 h. e 1 s. ...	6,00	Tragédia infantil	1,00
Filha (A) do marinheiro, 3 h. e 1 s. ...	6,00	O Melro	1,00
Filho (O) do adúltero, 5 h. e 1 s.	6,00	A Judia	1,00
Filho natural, 5 h. e 1 s.	6,00		

TEATRO RADIOFONICO

Coleção de SKETCHS próprios para Estações de Rádio, Atores e Amadores
Dramáticos todos de grande sucesso e agrado certo

	Cr. \$
Piedosa Mentira — 2 h. e 1 s.	1,00
Entre às dez e as onze — 1 h. e 2 s.	1,00
Os Sapatos de Natal — 2 h. e 1 s.	1,00
Querida Amiga — 1 h. e 2 s.	1,00
O Colar de Pérolas — 1 h. e 1 s.	1,00
Injustiça da Lei — 1 h. e 1 s.	1,00
A Última do Polidoro — 1 h. e 1 s.	1,00
Viagem Perigosa — 2 h. e 1 s.	1,00
Os Porteiros — 2 h. e 1 s.	1,00
Assombração — 2 h. e 1 s.	1,00
Como se pesca um noivo — 1 h. e 1 s.	1,00
A Inspiração — 2 h. e 1 s.	1,00
A Velha Usuraria — 2 h. e 1 s.	1,00
A Vassoura Elétrica — 1 h. e 1 s.	1,00
O amor e o chá — 1 h. e 1 s.	1,00
Recordação — 1 h. e 1 s.	1,00
O Professor de Violino — 2 h. e 1 s.	1,00
Ela e o chofer — 3 h. e 1 s.	1,00
Viúvos do século XX — 2 h. e 1 s.	1,00
Dentista patife... mas de sorte — 3 h. e 2 s.	1,00
A Promessa — 3 h. e 1 s.	1,00
A Chave — 3 h. e 1 s.	1,00
Meu grande amor! — 3 h. e 1 s.	1,00
A Tragédia! — 3 h. e 1 s.	1,00
Camareiro Cuidadoso — 3 h. e 1 s.	1,00
O "Palpite" do Manoel — 3 h. e 1 s.	1,00

TEATRO DE ODUVALDO VIANA — Contendo as seguintes peças:

O homem que nasceu duas vezes — Feitiço — A casa de Tio Pedro — A vida é um sonho — O vendedor de ilusões — Terra Natal, 1 grosso vol. de mais de 500 pgs. 25,00

TEATRO DE SILVINO LOPES — 1 vol. contendo duas peças deste festejada autor: A LADRA, 3 atos, 3 h. e 2 s. e ESFINGE 3 atos, 4 h. e 4 s., representadas com grande sucesso em todos os teatros do Brasil. Preço do volume 15,00

TEATRADAS por Jorgino — Ilustrações de J. Brito. TEATRADAS é um livro cheio de bom humor, graça e alegria, 1 volume ilustrado com capa artística 5,00

LIRA TEATRAL — Coleção de monólogos, canções, poesias, cenas cômicas, etc., pr J. Vieira Pontes. Nova edição melhorada 1 vol. 12,00

TEATRO DE PAULO DE MAGALHAES - Um grosso volume contendo as seguintes peças: Aventuras d'um rapaz feio - O Interventor — Saúde — O Bandeirante — Mais forte que o amor — O coração não envelhece. Preço do vol. 25,00

CREPE PARA BARBAS — de várias cores ao preço de metro . . . 15,00

BATON — para caracterização. Caixa de 8 cores sortidas . . . 20,00

Façam pedidos pelo Serviço de Reembolso Postal
LIVRARIA TEIXEIRA — Rua Libero Badaró N.º 491
Caixa Postal, 258 — S. Paulo Telefone 6-3185

LIRA TEATRAL

A mais completa e mais bonita coleção de monólogos, canções, cenas cômicas, poesias e comédias, que até hoje se têm publicado,

cuidadosamente organizada por

J. VIEIRA PONTES

Livro indispensável a todos os atores, amadores e casas de família. Para intermédio das récitas particulares de sociedades dramáticas ou para maior brilho dos saráus familiares, encontrará o leitor na LIRA TEATRAL o que de mais delicado tem aparecido em POESIAS DRAMÁTICAS e o que de mais chistoso nos tem dado, em MONÓLOGOS e CANÇÕES, escritores de reconhecido mérito.

EIS O INDICE: — O Senhorio Lusitano - Um noivo em cécias - A morta galante - O angú do Barão - Rindo - Por de cima... por de baixo... - A cabra, o carneiro e a cevada - O melro - Do mesmo lado - A lágrima - A lenda das rosas vermelhas - Amanhã vou pedi-la... - Dona Hortencia - A mosca - O trio dos larapios da "Gran-Via" - A Judia! (diálogo) - O suleida - Um alho! - Dentada de sogra! - Soirée familiar - A pulga - Morreu a minha sogra - Três soldados - Rataplan - Para os pobres - Aos heróis de 1640 - Se eu fosse rapaz - Nas recepções da embaixada - Ul-la-lá - Os camarões - Quando a desgraça penetra... - O lenço de minha tia - O estudante alsaciano - O grande Elias - A minha sogra - O cães - A confissão - O ponto - O socio - Capenga não forma - Um monólogo... - Só no mundo - O pão fresco - Monólogo cinematográfico - Sesión clerical - O Fiél - Sempre a andar - Trapalhada lirica... - Nos anos da mamãe - O Chico - Vou recitar - Uma aria para tenor - O vagabundo - Posso ser padre? - O dinheiro - Nem ela nem eu - Sem novidade no Ceará - O pintasilgo - A caridade e a justiça - Um sonho - O album - Digo?... - Ele e ela - Prológo - Eu e tu - Dança do vento - A tragédia - Trapalhada do Melro e o Fiél - As Três Lágrimas - O buraco do Casamento - Uma fotografia - Além de tudo isto, contém ainda, a lindíssima comédia em um ato, do distinto escritor Julio de Menezes, intitulada: CARTA A SANTO ANTONIO, representada milhares de vezes com grande successo.

- Sol-lá-si-dó - O meu casamento - O dorminhoco - A pele de urso - A fome

A nova edição da LIRA TEATRAL vem agora muito enriquecida com novos monólogos de grande successo e um pequeno tratado sobre CARACTERIZAÇÃO E PINTURA DO ROSTO que muito vem auxiliar os atores e amadores que encontrarão um método seguro de se caracterizarem a si mesmo. A esta nova edição adicionamos também a "Lei Getúlio Vargas" que regula as obrigações e direitos entre empresarios e trabalhadores de teatro, ficando assim a LIRA TEATRAL um livro indispensável a atores e amadores, 1 vol. de mais de 200 páginas, CR.\$ 10,00; enc. CR.\$ 15,00. Pelo correio mais CR.\$ 1,00.

LIVRARIA TEIXEIRA

R. Libero Badaró, 491

SÃO PAULO